



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

MARCOS LEMES

**A RÚSSIA SOVIÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, DE GILBERTO
COTRIM, ADOTADO NO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE
TUBARÃO, SANTA CATARINA, NO ANO DE 2017.**

Tubarão

2017

MARCOS LEMES

**A RÚSSIA SOVIÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, DE GILBERTO
COTRIM, ADOTADO NO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE
TUBARÃO, SANTA CATARINA, NO ANO DE 2017.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em História da
Universidade do Sul de Santa Catarina como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

Orientador: Prof. Alexandre de Medeiros Motta, Ms.

Tubarão

2017

MARCOS LEMES

**A RÚSSIA SOVIÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, DE GILBERTO
COTRIM, ADOTADO NO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE
TUBARÃO, SANTA CATARINA, NO ANO DE 2017.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em História da
Universidade do Sul de Santa Catarina como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

Tubarão, 05 de Julho de 2017.

Professor e orientador Alexandre de Medeiros Motta, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Flavio Alexadre Hobold, Esp.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Mário Cezar Oliveira Cardoso, Esp.
Universidade do Sul de Santa Catarina

A minha esposa Fernanda que sempre me apoiou e não me deixou desistir. E a Deus que nos fez dotado de algo que nos permite vencer obstáculos e sempre estar evoluindo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha esposa Fernanda que sempre esteve do meu lado em todas as situações apoiando, crendo e ajudando nos momentos mais difíceis.

Agradeço aos amigos que fiz ao percorrer este caminho, que com eles sorri, vivi e aprendi. Ao professor e Orientador Alexandre de Medeiros Motta, por sua experiência, sabedoria e paciência, e, finalmente, a Deus, que permitiu com que nascêssemos saudáveis para chegar até aqui e que nos proporciona o sopro da vida que nos move.

“A morte de uma pessoa é uma tragédia. A de milhões, uma estatística.”
(STALIN, 1953).

RESUMO

O comunismo soviético é um tema que causa contradições e discussões no que tange a qualquer vertente da vida nos países que participaram do bloco. E essas discussões apareceram já nos primeiros anos da fundação da Rússia Bolchevique, perpassou por todos os governos e permaneceu até hoje. Livros eram – e talvez ainda sejam –, escritos com base nos dados divulgados pelo governo soviético e outros são escritos com base nos documentos de quando abriram-se os arquivos de Moscou e de outros países do bloco; ainda outros foram escritos por refugiados soviéticos que vivem ou viveram em outros países que permitiam a livre publicação. Por esse motivo a escolha do tema: **A Rússia Soviética no livro de História, de Gilberto Cotrim, adotado no Ensino Médio da rede pública estadual de Tubarão, Santa Catarina, no ano de 2017.** Com isso, busca-se responder a questão, tal qual: O livro consegue expor a realidade da Rússia Imperial e Soviética?

O Brasil sofreu fortes influências soviéticas já no início do século XX, com a intentona comunista e com o fomento das guerrilhas nos anos 60 e no período do Regime Militar. Por isso, a preocupação em saber se o conteúdo é abordado abertamente e sem distorções ideológicas, porque para entender aquele período, é preciso também, entender o *modus operandi* soviético. Embora a pesquisa se concentre na Rússia, essa questão não fica sem resposta, visto que Moscou era o carro-chefe de toda a União. O *Narkomindel*, o *Komintern* e a *KGB* eram os principais responsáveis pelos assuntos externos da URSS, como não serão abordados na pesquisa é importante que esses nomes apareçam pelo menos aqui; caso o leitor queira se aprofundar nesse assunto poderia começar por pesquisar esses nomes ou siglas que terá um bom começo.

Para tal *recherche*, foi preciso, em primeiro lugar, estudar obras historiográficas que abordam o tema, livros escritos por autores que se denominam, ou são colocados, nos espectros esquerdo e direito da política (visto que aí estão as discussões); os dois autores mais utilizados, Pipes e Service, escreveram suas obras depois de 1991, portanto, depois da abertura dos arquivos, recorrendo-se, então, a uma pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem especificamente factual.

Palavras-chave: Rússia. União Soviética. Comunismo. Livro didático. História.

RESUMEN

El comunismo soviético es un tema que provoca contradicciones y polémicas en lo que se refiere a todos los aspectos de la vida de los habitantes de los países del bloque. Y estas polémicas presentarse ya en los primeros años de la Rusia Comunista, recorren por todos los gobiernos soviéticos y hasta hoy, todavía están.

Los libros eran – y quizá aún lo sean –, escritos con bases en los datos divulgados por el gobierno soviético, otros con base en los archivos de los países de la URSS (por lo tanto, después del 1991) y otros son escritos por lo refugiados soviéticos que viven o vivieron en países que permiten la libre publicación. Por esa razón se elige el tema: **La Rusia Soviética en el libro didático de Historia, de Gilberto Cotrim, adoptado en la secundaria de la red pública estadual de Tubarão, provincia de Santa Catarina, en el año de 2017.** El objeto trata de contestar la siguiente pregunta: El libro logra exponer la realidad de la Rusia Imperial y Sovietica?

Brasil sufrió fuertes influencias soviéticas ya en el comienzo del siglo XX con la *Intentona Comunista*, con la promoción de las guerrillas en los años 60 y en el período del Régimen Militar. Por eso la preocupación en saber si el contenido es abordado abiertamente y sin distorsiones, porque para comprender aquel período, es necesario también, entender el *modus operandi* soviético. Aunque la investigación se desarrolle solamente al estudio de la Rusia, esta cuestión no queda sin respuestas, visto que Moscú era la cabeza de toda la Unión.

El *Narkomindel*, el *Kominter* y la *KGB* tenían la responsabilidad de los asuntos externos de la URSS, como no serán abordados en la pesquisa es importante que estos nombres aparezcan por lo menos en esta sección; por si el lector desea aprofundizarse en el tema podrá empezar por estos órganos que les serán muy útiles.

Para tal *recherche* se hizo necesario, ante todo, estudiar obras historiográficas que abordan el tema, libros producidos por autores que se nombran, o son clasificados como de izquierda o de derecha (visto que ahí están las discusiones); los dos autores más utilizados, Pipes y Service, produjeron sus obras después de 1991, por lo tanto, después de la apertura de los archivos. Acudiéndose entonces a una pesquisa bibliográfica y documental de un abordaje específicamente factual.

Palabras Clave: Rusia. Unión Soviética. Comunismo. Libro Didático. História

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Camponês Russo	15
Figura 2 – Camponês e camponesa	16
Figura 3 – Sergei Yulyevich Witte	18
Figura 4 – Lenin ao centro e Martov a esquerda de Lenin	19
Figura 5 – Port Arthur	22
Figura 6 – Wehrmacht atolada em território russo	25
Figura 7 – Magnitogorski, 1930	37
Figura 8 – Presidentes da União Soviética	44
Figura 9 – Capa do livro Didático	52
Figura 10 – Coroação do Czar	54
Figura 11 – Mulheres trabalhando.....	54
Figura 12 – Os campesinos no livro de Gilberto Cotrim.....	57
Figura 13 – Resumo da Era Stalin apresentado no livro de Cotrim	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	10
1.2 JUSTIFICATIVA	10
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 Objetivo Geral	11
1.3.2 Objetivos Específicos.....	11
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
1.5 ORGANIZAÇÃO CAPITULAR	12
2 UM OLHAR SOBRE AS REVOLUÇÕES NA RÚSSIA.....	13
2.1 NOS CAMPOS DA RÚSSIA IMPERIAL E O SURGIMENTO DA POLÍTICA E DA INDÚSTRIA.....	13
2.2 AS REVOLUÇÕES.....	20
2.3 GOVERNOS BOLCHEVIQUES	31
2.3.1 Vladimir Ilychi Ulianov (Lenin).....	31
2.3.2 Jossef Vissariónovitch Stalin (Koba)	35
2.3.3 Nikita Sergueievitch Khrushov	39
2.3.4 Leonid Ilitch Brejnev	41
2.3.5 Iúri Vladimirovitch Andropov	41
2.3.6 Konstantin Ustínovicht Chernenko	42
2.3.7 Mikhaiel Sergueievitch Gorbachev	42
2.3.8 Um mergulho para dentro do cenário da URSS.....	44
3 A RÚSSIA SOVIÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA.....	46
3.1 PROFESSOR, LIVRO DIDÁTICO E IDEOLOGIA.....	46
3.2 LIVRO DIDÁTICO E CIDADANIA	48
3.3 O LIVRO DIDÁTICO EM QUESTÃO	50
3.4 A RÚSSIA BOLCHEVIQUE NO LIVRO DIDÁTICO “HISTÓRIA GLOBAL: BRASIL E GERAL”, DE GILBERTO COTRIM.	55
3.3.1 A Rússia e suas entrelinhas no livro didático de Gilberto Cotrim.....	57
3.3.2 O que não se disse sobre a Rússia no livro de Cotrim.....	63
4 CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Nesta seção relacionam-se os principais aspectos inerentes ao plano introdutório, como tema, problema, metodologia e capítulos. Sendo assim, trata-se, tão somente, de um capítulo que contextualiza os passos iniciais do referido trabalho.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O comunismo soviético é um tema que causa contradições e discussões no que tange a qualquer vertente da vida nos países que participaram do bloco. E essas discussões apareceram já nos primeiros anos da fundação da Rússia Bolchevique, perpassou por todos os governos e permaneceu até hoje. Livros eram – e talvez ainda sejam –, escritos com base nos dados divulgados pelo governo soviético e outros são escritos com base nos documentos de quando abriram-se os arquivos de Moscou e de outros países do bloco; ainda outros, foram escritos por refugiados soviéticos que vivem ou viveram em outros países que permitiam a livre publicação. Por esse motivo, a escolha do tema: **A Rússia Soviética no livro didático de História, de Gilberto Cotrim, adotado no Ensino Médio da rede pública estadual de Tubarão, Santa Catarina, ano de 2017**. Com isso, busca-se responder a questão, tal qual: O livro consegue expor a realidade da Rússia Imperial e Soviética?

1.2 JUSTIFICATIVA

O Brasil sofreu fortes influências soviéticas já no início do século XX com a intentona comunista e com o fomento das guerrilhas nos anos 60 e no período do Regime Militar. Por isso a preocupação em saber se o conteúdo é abordado abertamente e sem distorções, porque para entender aquele período, é preciso também, entender o *modus operandi* e *modus governandi* soviético.

Sabe-se que, hoje, devido a curta carga horária de História, no ensino médio, os conteúdos devem ser o mais resumido possível. Mas com a nova lei sendo aprovada, aquele que optar pela área das ciências humanas deverá se aprofundar mais no assunto, de modo que, o antigo livro não mais satisfará as necessidades do aluno em diversos conteúdos.

Ainda, o presente tema se justifica pela importância que representa ao campo histórico, principalmente pelo fato de o modelo leninista, trotskista e stalinista terem dado gás a novos partidos ao redor do mundo. O próprio Foro de São Paulo, fundado por Luiz Inácio

Lula da Silva e por Fidel Alejandro Castro Ruz e que reúne vários partidos de esquerda da América Latina teve fortes influências do modelo político soviético.

Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela e, antes da morte, frequentador do Foro, usou o termo *el socialismo del siglo XXI* em um de seus discursos para caracterizar o novo modelo que seus participantes adeririam. Então, ali está a remanescência daquele modelo praticado nos países da União Soviética, claro que adaptado à realidade do século XXI e com novos meios de chegar ao poder. Portanto, nada mais natural e instigador do que conhecer os pioneiros do movimento.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a abordagem historiográfica sobre o comunismo russo-soviético do século XX no livro didático de história do ensino médio.

1.3.2 Objetivos Específicos

A fim de alcançar o objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos:

- a) Contextualizar a Rússia Imperial e Soviética com base em autores especialistas no tema;
- b) Discorrer sobre o livro didático de história do ensino médio à luz dos documentos oficiais da educação;
- c) Verificar o tipo de abordagem que se faz sobre o comunismo;
- d) Contrapor as possíveis distorções e propor, com base em fontes bibliográficas, uma diferente abordagem historiográfica sobre o comunismo soviético.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa proposta para o trabalho monográfico, quanto ao seu objetivo, será a do tipo exploratória, pois proporciona “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”(GIL, 2002, p. 41). Envolve levantamento bibliográfico, sem desenvolver análises mais detidas.

Quanto aos procedimentos na coleta de dados, serão aplicadas as pesquisas dos tipos bibliográfica e documental.

A primeira decorre da necessidade de se fazer leituras, análises e interpretações de fontes secundárias (livros, revistas, jornais, monografias, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, doutrinas, etc.). A finalidade desta consiste em colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito ou dito sobre o tema em estudo. (MOTTA, 2012). É uma pesquisa que explica o tema em questão à luz dos modelos teóricos pertinentes.

A pesquisa documental baseia-se em fontes primárias ou documentais, uma vez que serve de base material ao entendimento da tese em questão. Pertence ao campo da hermenêutica, pois o documento deve ser analisado como se apresenta, e não como quer que se apresente. (MOTTA, 2012).

1.5 ORGANIZAÇÃO CAPITULAR

A etapa do desenvolvimento da presente monografia está estruturada em dois capítulos. No segundo – primeiro do desenvolvimento –, desenvolve-se uma análise da história da Rússia de finais do século XIX – portanto imperial –, até dezembro de 1991, data da queda da então União Soviética. O estudo desse período, tendo como base autores especialistas na área, buscou esmiuçar os motivos que levaram à Revolução e as fases pelas quais o país percorreu, tanto antes quanto durante o comunismo. No terceiro capítulo – segundo do desenvolvimento –, faz-se uma análise sobre a Rússia Soviética e o livro didático de História, inserindo-se categorias como professor, ideologia e cidadania. Abordando ainda a Rússia Bolchevique no livro didático de História do ensino médio utilizado na cidade de Tubarão, SC, no caso, “História Global: Brasil e Geral”, de Gilberto Cotrim. Nesse, fez-se, *a priori*, um estudo sobre a utilização do livro didático pelo professor, sobre o modo como ele aborda o assunto e, por fim, uma comparação entre o conteúdo que ele aborda com o que foi estudado na pesquisa bibliográfica.

2 UM OLHAR SOBRE AS REVOLUÇÕES NA RÚSSIA

O ponto de partida para o estudo da Revolução Russa poderia ser qualquer um na “reta da linha do tempo” na história, qualquer ação ou qualquer decisão influenciou uma época, que por sua vez influenciou uma outra, até chegar ao ápice de 1917, ano da ascensão bolchevique. Para todos os efeitos, levando-se em consideração a porção que deve ser abordada num livro didático de Ensino Médio, com conteúdo direcionado a cada sociedade e tudo o que já foi estudado e aprendido dantes em sala de aula, não causa dúvidas que, para melhor entender o fenômeno da revolução, um relato sobre a situação russa de finais do século XIX e início do século XX pode ser o melhor começo. Há de se destacar ainda, que, situações hipotéticas do modo da formação da sociedade russa, não serão abordadas nessa História da Revolução, tampouco questões filosóficas, portanto, apenas o que foi, é, no sentido factual que exige a abordagem.

2.1 NOS CAMPOS DA RÚSSIA IMPERIAL E O SURGIMENTO DA POLÍTICA E DA INDÚSTRIA

No decorrer dos séculos os servos russos foram angariando direitos que iam desde o de adquirir propriedades ao da emancipação, czares como Pedro, Catarina e Alexandre II deram passos grandiosos para o contexto russo (que sempre andou alguns passos atrás do restante da Europa), no quesito aquisição de direitos humanos e ocidentalização da nação (HOETZSCH, 1966), podendo então os camponeses russos chegarem a uma situação mui similar à de um “*jus privatum*”. Até os primeiros decênios do século XX, a população russa era formada por volta de 80%¹ de camponeses que dispunham de uma posse comunal da terra em detrimento da privada, não significando que não houvessem propriedades privadas. A Rússia era uma mistura de etnias e uma junção de vários territórios dominados ao longo da história imperial. “A população não estava integrada, vivia espalhada, recolhida em comunidades que desconheciam o sentido de nação ou Estado”. (PIPES, 2012, p. 26)

Nos espaços dos campos da Rússia imperial, podemos encontrar a aldeia e a comuna.

¹ Russólogos, em geral, concordam com esse montante ao se referirem à população rural em geral, cabe destacar que quando se fala em população rural, não necessariamente se fala apenas em camponeses, afinal, uma sociedade é formada nos campos onde professores, curandeiros, padres e etc. também vivem. Richar Pipes defende que metade dos camponeses, entretanto, eram servos.

A aldeia russa era uma aglomeração de casebres de troncos alinhados ao longo de uma estrada que corria através da vila. Não havia órgãos formais de autogestão. O chefe da aldeia era indicado, frequentemente contra a sua vontade, por funcionários do governo, que também podiam demiti-lo. (PIPES, 2012, p. 21).

Já a comuna constituía

num sistema de organização de controle e cultivo da terra [...] era uma associação de camponeses que recebiam cada qual, uma porção de terra. Embora, sob muitos aspectos, o seu território coincidissem com o da aldeia, não havia identidade entre ambos, posto que muitos aldeões não tivessem acesso à terra; professores rurais e padres não pertenciam à comuna. A comuna “repartia” a terra de que dispunha em muitas faixas estreitas, por períodos de tempos variados, ditados pelo costume local, usualmente entre dez a quinze anos, de acordo com as mudanças de tamanho das famílias, causadas por mortes, nascimentos e partidas. [...]. Entretanto, o fato de participarem de uma comuna não impedia seus membros, individualmente ou em associação de comprar terra não comunal de senhores que a possuísem, ou a outros proprietários privados. Às vésperas da revolução, esses camponeses proprietários controlavam tanta terra quanto seus antigos senhores e mercadores. (PIPES, 2012, p. 22).

E essa sociedade rural não compartilhava com os avanços da sociedade urbana russa. “Seu relacionamento com a burocracia e a classe instruída assemelhava-se ao dos nativos africanos e asiáticos com seus governantes coloniais.” (PIPES, 2012, p. 20).

Aqui, juntamente com as terras que estavam sob controle de particulares – em torno de 10% –, encontramos as principais reivindicações dos camponeses russos. Não se pode dizer que a opressão era uma luta da qual eles se impunham contra; o que acontecia era que o campesino russo não estava a par dos acontecimentos políticos, das mudanças econômicas e do surgimento da cultura em seu próprio “país”. (PIPES, 2012). O campesinato já de longa data, acostumara-se com a situação servil, principalmente no que tange ao pagamento de impostos. Ainda, a Rússia, no final do século XIX, havia conseguido empréstimos do exterior e quem pagaria por isso seriam os campesinos, que mesmo sofrendo com sucessivas más colheitas e tendo que vender os grãos ao estrangeiro tinham que pagar esses empréstimos com aumento dos impostos. (HOETZSCH, 1966).

Era uma realidade totalmente diferente da elite russa – evidentemente representada por uma minoria absoluta que se deleitava no surgimento da alta cultura como as artes, a literatura e a música². Mas pode-se destacar que a situação econômica dos camponeses, muito embora inferior à da Europa Ocidental encontrava-se em condições

² Dentre vários artistas que poderiam embasar esse parágrafo, posso citar: Alexandre Pushkin, poeta do século XIX; Fiódor Dostoiévski, escritor do século XIX; Liev Toltói, escritor do século XIX e XX; Anton Tchekhov, escritor e dramaturgo do século XIX; Sergei Rachmaninoff, músico erudito do século XIX e XX; Mikhail Glinka, compositor de música erudita do século XIX; Konstantín Makovski, pintor do século XIX e Vasily Polenov, pintor do século XIX.

melhores do que a de seus antepassados próximos, já levando em consideração que muitos chegavam a condição de poder comprar terras como supracitado.

Um fenômeno muito interessante era a da taxa de natalidade mui superior à de mortalidade, por isso o crescimento constante da população rural e o abandono de alguns do trabalho no campo para o ingresso nas indústrias que estavam crescendo no país.

A classe trabalhadora industrial russa originou-se do campesinato. Sua maioria constituía-se de empregados deslocados do plantio e contratados *pro tempore* em ferrovias e tecelagens. Por essa razão a maior parte das fábricas se instalava no campo. (PIPES, 2012, p. 23).

É evidente que, a luta pela aquisição dos 10% das terras que estavam em mãos de particulares – número que apenas parece pequeno, visto que o Império Russo possuía aproximadamente 23.000.000 KM²³ –, se deu ao fato de que a população campesina crescia em ritmo acelerado, ao passo que a aquisição de terras pelo império havia estagnado tornando uma situação insustentável para agricultor que precisava de terras.

O camponês russo se caracterizava por usar barbas, cabelos frequentemente compridos, chapéu papakha de pele ou lã, roupas de pano e compridas, a parte de cima sempre passa da cintura; enquanto que a mulher, costumeiramente, usava vestidos longos podendo ter alguns detalhes, às vezes recorria a um avental e na cabeça um véu, não obrigatório, mas comum. Como mostram as fotos abaixo.

Figura 1 – Camponês Russo



Fonte: Larêdo [18?].

³ Extensão aproximada e acordada entre os estudiosos do tema como Otto Hoetzsch em seu livro “A Evolução da Rússia” de 1966.

Figura 2 – Camponês e camponesa



Fonte: robertgraham.wordpress.com [188?-191?]

As ideias marxistas, que passaram a germinar na Rússia na segunda metade do século XIX, costumam criar raízes em países de difícil situação social, basta ver um mapa e apontar as nações que abraçaram a causa. Malgrado as conquistas e o desenvolvimento social que houve no período imperial, a Rússia ainda não fruía das mesmas condições que a maioria dos países ocidentais estava alcançando. Para começar, a Rússia

era uma autocracia. Não havia partidos legais e sindicatos no país. Tampouco um parlamento. Impunha-se rigorosa censura ao debate público [a Okhrana – polícia secreta imperial –, ficava responsável por essa tarefa]. De mais a mais, o governo era lento na disseminação de uma rede de ensino. [...] A corrupção era endêmica na burocracia. A Igreja Ortodoxa Russa era ferozmente reacionária. Embora romancistas e poetas achassem formas de fazer críticas à ordem social reinante, grupos organizados de dissidentes ficavam sujeitos a uma perseguição eficiente. Geralmente, a punição envolvia o banimento para as regiões inóspitas da Sibéria – e nos casos mais graves, os condenados eram obrigados a realizar trabalhos forçados. (SERVICE, 2015, P. 64).

O fato de não haver partidos e de uma brutal repressão aos movimentos políticos, não impedia a reunião de intelectuais e o fomento de ideias que futuramente iriam culminar em revoluções. “Estudantes desencantados ou trabalhadores desempregados eram facilmente atraídos por [esses] círculos revolucionários. (SERVICE, 2015, p. 65).

Diferente das potências europeias que haviam abandonado a monarquia absolutista e se encaminhavam para sistemas mais democráticos, na Rússia não havia

qualquer possibilidade de formar uma junta para debater temas políticos e econômicos com a opinião popular ou até de quem estivesse imbricado no serviço imperial. Para piorar um pouco mais a situação, o czar era um “homem que carecia de qualquer qualidade exigida pelo mando de que efetivamente dispunha, à exceção do senso de dever. Nicolau II tinha inteligência limitada e vontade débil, defeitos que tentava compensar com explosões ocasionais de teimosia”. (PIPES, 2012, p. 26).

Tendo em conta o funcionamento do capitalismo e seus requisitos para um desenvolvimento dinâmico e positivo, essas atitudes não poderiam sustentar efetivamente o desenvolvimento de uma economia capitalista que paulatinamente começava a surgir na Rússia, além do mais, uma economia capitalista exige mão de obra disponível para as indústrias, o que de fato, para a Rússia Imperial não era problema, mas juntamente com uma classe operária é preciso também de mão de obra qualificada e intelectual. E essa mão de obra vem principalmente de universidades que começam a surgir no país – uma faca de dois gumes, visto que boa parte das massas revolucionárias vinham da própria universidade⁴.

O homem por trás desse desenvolvimento, para os padrões russos, foi Serguei Yulyevitch Witte, primeiro ministro das finanças, depois, presidente do conselho de ministros. (HOETZSCH, 1966).

Witte, além de industrializar o país, também lastreou a moeda russa no padrão ouro conseguindo transformá-la em uma moeda com grande poder de compra internacional.

A reforma deu ao país uma das mais estáveis moedas correntes do mundo e encorajou os investimentos estrangeiros. Entre 1892 e 1914, mais de um bilhão de dólares americanos – equivalentes a vinte bilhões, em 1995 – foram aplicados em diversos empreendimentos. Num surto rápido de desenvolvimento, ainda que pequeno em termos de economia nacional, a indústria, combinada com a mineração e a agricultura, elevou a Rússia ao quinto lugar entre as nações mais ricas do mundo. (PIPES, 2012, p.31-32)

Serguei era tão perspicaz que transformou a bebida alcoólica, algo que antes era costumeiro apenas em dias de festas e casuais, em algo cotidiano, levando a Rússia a se tornar um dos países que mais se consome álcool hoje em dia⁵. (VODKASOCIALCLUB, 2014). Essa medida fez com que mais dinheiro entrasse nos cofres do governo, visto que acabou

⁴ As universidades russas começaram a surgir na metade do século XVIII, sendo a primeira delas a Universidade Estatal de Moscou de M.I. Lomonosov. (MSU.RU, 1997).

⁵ Segundo a página vodkasocialclub.com.br, a Rússia é hoje o quarto país que mais ingere de álcool, com um consumo per capita anual de 15,1 litro. (VODKASOCIALCLUB, 2017).

tornando a bebida um monopólio do governo; Witte se opunha a guerra contra o Japão, atitude que acabou lhe custando o cargo. (HOETZSCHE, 1966).

Figura 3 – Sergei Yulyevich Witte



Fonte: commons.wikimedia.org (1905)

Nesse ínterim, surgiram grupos partidários⁶ que, de fato, se portavam como partidos, executando, embora sob pressão, congressos para definir as diretrizes futuras. Dentre os principais “partidos” podemos encontrar o Partido Constitucional Democrático (conhecido como Cadete), esse de caráter liberal; o Partido Socialista Revolucionário, um partido que se baseava no terrorismo e políticas extremas e o Partido Operário Socialdemocrata Russo, deste, devido à divergências de ideias nos congressos, saiu duas facções, os bolcheviques e os mencheviques. (HOETZSCH, 1966; PIPES, 2012)

Cabe destacar que bolcheviques e mencheviques, a início, não eram partidos como costumeiramente colocado, o que aconteceu foi uma divisão de ideais dentro do POSDR, onde, por um curto período de tempo, a vertente leninista, que se posicionava de maneira mais extrema, conseguiu maioria apoiadora, enquanto que o lado de Martov uma minoria, daí d’onde vem os nomes; Bolchevique (do russo “большевик”, que significa maioria) e

⁶ O Partido Operário Socialdemocrata Russo foi fundado em 1898 segundo a página “<http://all-politologija.ru/knigi/100-let-rossijskoj-mnogopartijnosti-zotova/rossijskaya-social-demokraticeskaya-rabochaya-partiya-rsdrp>”.

Menchevique (do russo “меньшевики”, que significa minoria). Da divisão em diante, os grupos passaram a se atacar verbalmente e a se movimentar clandestinamente para angariar apoiadores usando como armas, jornais próprios. (HOETZSCH, 1966).

Figura 4 – Lenin ao centro da mesa e Martov a esquerda de Lenin



Fonte: usp-rsm.blogspot.com.br (1912)

Dentre vários russólogos, Otto Hoetzsch é o que melhor descreve, resumidamente, esse descolamento do partido e a formação das duas facções; nada mais foi do que um desacordo epistemológico levantado principalmente pelo enérgico, sagaz e eloquente Lenin.

Os desacordos com os outros sectores do partido foram penosos e ocasionaram uma ruptura decisiva, no segundo congresso do Partido [Operário]⁷ Social Democrata Russo, celebrado em Bruxelas e em Londres, em 1903, provocando a famosa divisão em *Bolsheviki* (quer dizer, a maioria), dirigidos por Lenine⁸, e *Mensheviki* (a minoria). As questões em litígio eram, essencialmente, de táticas. Ambos defendiam a queda do czarismo e do capitalismo, querendo os bolchevistas realiza-la por intermédio da ditadura do proletariado. Os menchevistas, por sua parte, advogavam a cooperação com o liberalismo, as classes médias e uma eventual república democrática, o que levava Lenine a denunciá-los de oportunistas. A luta dentro do partido continuou durante muitos anos, vindo a ruptura básica a partir de 1903. (HOETZSCH, 1966, p.182)

⁷ O autor do livro erra ao elidir a expressão “Operário” no nome do partido, Partido Social Democrata da Rússia é o partido criado por Mikhail Gorbachev em 2001, resultante da fusão de diferentes partidos democratas.

⁸ Lenine na verdade é Lenin, mas usado correntemente essa transliteração em escritos do século passado e em Portugal.

Lenin, que sempre foi aluno exemplar na escola, medalha de ouro nos estudos como colocou Hoetzsch (1966), teve que lidar com a detenção da irmã e da pena de morte sofrida por seu irmão por tentativa de assassinato do Czar Alexander III. Quando ingressou à universidade, acabou por se envolver em reivindicações periódicas de caráter acadêmico, pela participação e pelo passado de seu irmão, acabou sendo expulso e todas as tentativas de sua mãe de reverter a situação acabaram sem resultados. Além de um ódio crescente contra o sistema czarista que o havia privado dos estudos por algo tão trivial, sua família ainda foi estigmatizada pela burguesia pelos acontecimentos com seu irmão, fazendo com que Lenin também nutrisse sentimentos negativos para com essa classe. De fato, o ódio, segundo Struve, era a característica principal de Lenin, que chegou a se opor a uma ajuda humanitária aos camponeses do Volga em 1891/2 devido a fome que estavam enfrentando. (PIPES, 2014).

2.2 AS REVOLUÇÕES

O Dicionário de Filosofia de Abbagnano conceitua o termo “revolução” da seguinte maneira: “Violenta e rápida destruição de um regime político, ou mudança radical de qualquer situação cultural”. (ABBAGNANO, 2007, p. 858-859). Mas para que haja essa mudança no *status quo* é preciso de uma *intelligentsia*⁹ e de um terreno do qual ela possa atuar. A Rússia do final do século XIX e inícios do século XX apresentava uma perfeita condição para a atuação desses intelectuais, por isso a escolha justamente desse período. Recapitulando; o meio rural vivenciando uma inevitável falta de terra devido ao número crescente da população e a não anexação de mais territórios, fazendo com que os camponeses reivindicassem as terras que estavam nas mãos de proprietários privados, o aumento de impostos, sucessivas más colheitas, repressão por parte do governo, e não apenas contra movimentos políticos, mas contra qualquer movimentação que carecesse de uma autorização do regime e qualquer tipo de paralização laboral, aumento da inflação, grande desemprego e descontentamento com as guerras contra o Japão e da Guerra Mundial – que serão vistas posteriormente.

A situação dos camponeses já foi amplamente explorada, restando agora enfatizar um pouco mais sobre a questão da repressão e discorrer sobre a guerra russo-japonesa e Primeira Guerra Mundial, questões essenciais para os levantes.

⁹ O jornal russo “Pravda”, com versão em português, fez, em 2008, uma matéria sobre o significado do termo, vide: “<http://port.pravda.ru/russa/06-10-2008/24731-intelligentsia-0/>”.

Na história, é muito difícil determinar um ponto de partida para alguma situação, as leis de Newton de Ação e Reação se aplicariam perfeitamente aqui. Mas ao delimitar uma data para o início do estudo e tendo estipulado os séculos XIX e XX, nada mais natural do que procurar ali o ponto de partida.

O início dos tumultos e paralizações na Rússia foram impulsionados por algo trivial, que, provavelmente em qualquer outro país com um governo mais sólido rapidamente poderia ser resolvido, mas a *Intelligentsia* russa não poderia deixar passar essa possibilidade, e o governo repressivo do czar não poderia permitir qualquer baderna. (PIPES, 2012).

Era costume a comemoração do aniversário de fundação da Universidade de São Petersburgo, onde os alunos invadiam estabelecimentos como bares, cafeterias e restaurantes para entoar canções. Embora seja um ato sem conotação política não tinha o aval do governo czarista, de modo que em 1899, acabou por ser proibido. Os alunos, em clima de protesto, acabaram por cancelar a atuação e se dirigiram para as ruas, houve confronto com a polícia. Instigados pela *Intelligentsia*, milhares de estudantes de todo o país acabaram por aderir a uma paralização generalizada em apoio aos estudantes de São Petersburgo, o resultado foi a prisão de líderes estudantis. O episódio mostra claramente a condição policial que o governo russo mantinha sobre seus cidadãos e a certeza de que nada mudaria enquanto este sistema permanecesse era pensamento universal na Rússia. Manifestações estudantis continuaram sucedendo pelo país, inclusive com assassinatos do ministro da educação por estudantes e o assassinato do Ministro de Interior pelos socialistas revolucionários, este último cargo foi ocupado posteriormente por Viacheslav Plehve que sufocou todas as manifestações que vieram a suceder, inclusive infiltrou agentes em vários organismos. (PIPES, 2012).

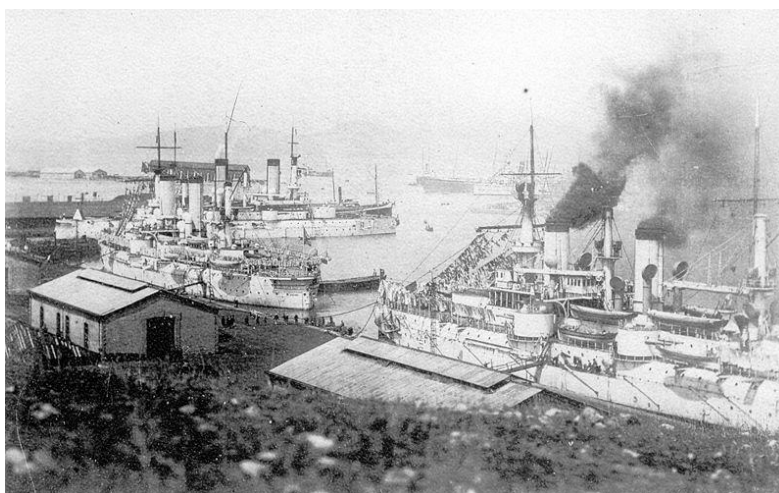
Por si só não era um movimento que poderia derrubar o czar, mas acalentava cada vez mais o pensamento de mudanças. A guerra contra o Japão foi a fagulha que faltava para ascender o fogo. A Rússia enviava homens para a Manchúria, região onde a ferrovia transiberiana – idealizada por Witte para substituir o Canal do Suez e trazer mais dinheiro para a Rússia –, passava com a desculpa de protegê-la, entretanto, visava futuras anexações de territórios, que de fato aconteceram, os japoneses que temiam perder territórios na Ásia acabaram atacando *Port Arthur*, um porto chinês cedido à Rússia, causando o início da guerra. (PIPES 2012; SERVICE 2015).

A Rússia acabou sofrendo terríveis baixas, uma derrota humilhante e enorme diminuição da moral do governo que já não se sustentava. O fim da guerra, que foi de 1904 a 1905, acabou consolidando o Japão como potência mundial, enquanto que a Rússia, espezinhada, teve que pedir empréstimos gigantescos para a França e para a Alemanha,

colocando o governo em uma situação ainda mais crítica. (PIPES, 2012). A guerra terminou com um tratado de paz (Tratado de Portsmouth) nos E.U.A, mediado por Roosevelt. (BEZERRA, 2014). Esse tratado rendeu-lhe o prêmio Nobel da Paz por haver trabalhado na negociação de paz entre esses dois países extremamente hostis que na época estavam entre os chamados países imperialistas.

Em meio à guerra, com o assassinato do Ministro do Interior Plehv pelos Socialistas Revolucionários, Pyotr Dmitrievich Svistopolk-Mirskii é colocado no cargo levando a cabo uma política totalmente diferente da de um Estado opressor como levava o ministro anterior. Essa abertura fez com que os líderes provinciais convocassem uma conferência nacional em São Petersburgo¹⁰ de onde saiu, sob votação, a ideia de uma Constituição e a formação de um Parlamento. Essa foi uma reunião sem precedentes na Rússia, já que discutiram livremente questões políticas sem qualquer repressão. (PIPES, 2012).

Figura 5 – Port Arthur



Fonte: commons.wikimedia.org (1903)

Em dezembro de 1904, a Rússia perde *Port Arthur* com a rendição de milhares de seus soldados; no mesmo mês, pela demissão de vários funcionários de um complexo industrial de São Petersburgo, estoura uma greve geral, que em janeiro do ano seguinte conta com mais de 100 mil adeptos. O padre ortodoxo russo, George Gapon, autorizado pelas autoridades instiga uma marcha pelo centro da cidade que se dirigiria até o Palácio de Inverno

¹⁰ Naquele momento, capital da Rússia.

onde entregaria uma petição ao czar com reivindicações de melhoria nas condições de vida e de caráter político. Embora autorizada pelas autoridades, eles não tinham a permissão de se aproximarem do Palácio de Inverno, local onde o czar não estava desde o dia anterior. Ao se depararem com a polícia a multidão que estava à frente não conseguiu conter quem vinha atrás, de maneira que avançaram e um confronto com a polícia teve início gerando centenas de mortos e feridos, o episódio teve lugar em 09 de janeiro de 1905 e ficou conhecido como “Domingo Sangrento”. (PIPES, 2012).

O evento foi gerador de uma total paralização de trabalhadores e de protestos por todo o país, além de pressão de várias vertentes, principalmente da camada liberal, para a criação de uma Assembleia Constituinte e a abolição da monarquia. Para tentar amenizar o movimento rebelde nas universidades do ano que se iniciava, o czar permite total liberdade administrativa e retira suas tropas policiais dos campus universitários, atitude que deu aos radicais espaço para penetrarem no meio acadêmico e radicalizar as universidades, o que de fato aconteceu, afinal, as universidades acabaram por se transformarem em ponto de encontro de células políticas e de palco para reivindicações e paralizações impossibilitando a continuidade das aulas. (PIPES, 2012).

Ao mesmo tempo, foram criados os conselhos operários, isto é, sovietes, que pediam a mudança do sistema de coisas e buscavam tomar o lugar de órgãos governamentais. (SERVICE, 2015). Dentro desses sovietes havia uma pequena divisão onde “os delegados preparam e enunciam as propostas e os filiados votam”. (PANNEKOEK, 1936, p.12).

Em novembro, novas greves estouraram pelas principais cidades do país, gráficas, ferrovias e prestadoras de serviços faziam reivindicações econômicas, de melhoria da condição trabalhista e políticas. A maior arma de repressão do governo, o exército, estava ainda em função da guerra. As principais reivindicações políticas eram a de uma Constituição e um parlamento com autonomia, em outubro, de um comitê de greve sai o Soviete dos Deputados Trabalhadores com líderes procedentes de partidos socialistas. No mesmo mês, o czar sem saída assina um manifesto admitindo direitos civis e finalmente um parlamento (PIPES, 2012).

A autocracia que Nicolau II jurou defender já não existe mais. Séculos de governos autocráticos que ditavam as regras, faziam as leis e determinavam o destino de seus súditos foram destruídos por apenas uma caneta usada pelo próprio monarca. Não se sabe o que passou pela cabeça de Nicolau, se movido pelo senso patriota, que de fato o tinha, ou se havia se deparado com uma situação que fê-lo pensar ser a única saída para não ser deposto ou morto. Mas o fato era que, ao assinar o manifesto – conhecido como Manifesto de

Outubro¹¹ –, a Rússia daquele momento se deparava pela primeira vez com ares de liberdade; a primeira revolução. Os partidos passariam a entrar agora para a legalidade e a Duma passaria a legislar, embora o czar ainda pudesse dissolver a Duma (Parlamento) em momentos críticos. *Mutatis Mutandis*, vejamos algumas ações que demonstram a primeira Revolução Russa.

Em novembro de 1905, a censura foi abolida; pela primeira vez vigorou o direito de livre publicação. As leis anunciadas em março de 1906 garantiam a liberdade de reunião e associação, tornando possível, também de forma inédita no país, a organização aberta de sindicatos e partidos políticos. (PIPES, 2012, P. 57).

A 23 de Abril de 1906, as Leis Fundamentais, ou Constituição, foram tornadas públicas, possuindo quatro capítulos e 123 parágrafos, resumidamente, mantinha a autocracia czarista, dava poderes legislativos equitativos aos dois Estados criados dentro do Parlamento, a saber, o Conselho de Estado (ou Câmara Alta) e a Duma de Estado (Câmara Baixa) que teriam mandato de cinco anos, as leis teriam que passar pelas duas câmaras e ser, obrigatoriamente aprovadas pelo Imperador. Ademais provia direitos e obrigações para os cidadãos russos e forasteiros vivendo no país. Obrigava-os a pagarem os impostos, não permitia que fossem perseguidos ou presos por algo que não estivesse nas leis, dava-lhes o direito de morarem e trabalharem onde bem entenderem, determinava que a propriedade privada era inviolável, liberdade de religião¹², etc. (LEIS FUNDAMENTAIS, 1906)

Entretanto, desde o primeiro momento, não houve consentimento entre os membros da Duma que vinham de diferentes partidos, brigas e acusações vinham de todos os lados, de modo que o czar se viu na obrigação de dissolver a Duma e convocar novas eleições. Nesse ínterim, foi eleito para primeiro ministro, Piotr Stolypin, que apesar de ser monarquista, era adepto a uma política moderna, ainda que adotasse medidas repressivas para um país com uma Constituição. Não deixou de sufocar levantes nos campos e o terror dos Socialistas Revolucionários que, até o momento, já haviam matado 4.500 funcionários públicos. (PIPES, 2012).

Isso só pode significar que a Rússia estava deverás condenada. Monarquia e parlamento não se fechavam. A segunda Duma, se mostrou ainda mais radical que a primeira, agora, Socialistas Revolucionários e radicais, tentavam usar a Duma para organizar as massas e dar continuidade nos planos anteriores. Mais uma vez, a Duma foi dissolvida. Uma terceira

¹¹ Leia na íntegra o documento: “<https://community.dur.ac.uk/a.k.harrington/octmanif.html>”.

¹² Poderá ler toda a lei aqui: “<https://community.dur.ac.uk/a.k.harrington/fundlaws.html>”.

foi convocada, essa, com membros que se inclinavam mais ao trabalho que se lhes impunha. Stolypin encontrou apoio e pode levar a cabo políticas de desenvolvimento, das quais fizeram a Rússia produzir tanto no campo, quanto nas minas, quanto no ferro e firmar ótimos acordos de comércio exterior. Economistas projetavam uma Rússia que dominaria a Europa econômica e politicamente. (PIPES, 2012).

O que os russos não esperavam, era o estourar de uma guerra mundial que automaticamente colocar-lhes-ia dentro em função de um acordo feito no século passado de ajuda mútua com a França (GLOBAL.BRITANICA, 2006), não havia como fugir. A Rússia entra na guerra com o maior exército do mundo (MARXIST.ORG, 2017); não caberia aqui fazer especulações sobre situações hipotéticas, devido à delimitação imposta, sem embargo, cabe destacar que, mesmo tendo o maior exército do mundo, a movimentação das tropas russas não poderia demonstrar efetividade; em primeiro lugar, devemos analisar o tamanho do Império que, como já visto, ocupava 23.000.000 KM², o exército, em sua totalidade, estava espalhado por todo o território, as estradas do Império Russo não apresentavam boas condições (vide foto abaixo) e a estrada de ferro ainda era uma recém-chegada no país estando construída em poucas localidades. (HOETZSCH, 1966).

Figura 6 – Wehrmacht atolada em território russo



Fonte: histomil.com [1933-1945].

Ainda que amarrados à essa aliança franco-russa, os russos também não poderiam deixar de enviar tropas para auxiliar os sérvios nos Bálcãs, questão de prestígio e moral (PIPES, 2012) que, em determinadas condições falam mais alto do que a segurança do próprio povo. Com isso a Alemanha não poderia deixar de revidar dando início as hostilidades russo-germânica.

A superioridade alemã era clara nos embates, a Rússia sofreu inúmeras baixas e perdas de territórios, como na Polônia. “Os soldados russos eram mandados para as batalhas sem canhões que lhes apoiassem a ação e até sem munição de fuzil; as suas vidas eram desperdiçadas pelos oficiais e generais em delírio de entusiasmo militarista (WELLS, 1970, p. 480).

A Duma se organizava para tentar derrubar o czar, este manda fechar a Duma e parte para a frente de batalha. O país passa a enfrentar um período de grave crise econômica, como normalmente acontece com qualquer país que está em guerra, principalmente se este está em desvantagem. O problema maior veio quando o governo decidiu deixar de lastrear a moeda em ouro e a imprimir o papel-moeda para tentar cobrir os déficits da produção (PIPES, 2012), isso, irreversivelmente acaba por gerar inflação, visto que o dinheiro que acaba de ser produzido não possui subsídio algum para seu valor e grande quantidade de moeda passa a estar em circulação.

A insatisfação é geral, inflação, desconforto nos centros urbanos, camponeses sem incentivos para comercialização de sua produção (apesar da alta dos preços causada pela inflação), as indústrias já não produziam o necessário – e se não produz isso significa falta de produtos no mercado que por sua vez acaba por gerar inflação, a famosa lei da oferta e procura – (RIBEIRO, 2009). Negócios privados não conseguem se manter, há grandes suspeitas de corrupção nas áreas das finanças, inúmeros protestos acontecem em Petrogrado e por fim, políticos e generais discutem um possível fim da monarquia, embora prefiram não atuar e correr riscos. (SERVICE, 2015).

O povo se voltava contra os ministros e contra a própria família imperial; para piorar a situação, a czarina ainda era de origem alemã, fato que fez com se levantassem suspeitas de traição à Rússia por envio de informações aos inimigos (HOEZSCH, 1966; PIPES, 2012).

A situação era mais tensa dentro da política russa; quando o czar foi para o *front* de batalha – tentar levantar a moral dos soldados –, a czarina acabou por ficar responsável pela administração, nomeou ministros baseado na lealdade ao invés da habilidade. Figura de extrema lealdade da czarina foi o místico e curandeiro, Grigori Rasputin, que de alguma maneira, não se sabe como, acabou por salvar a vida do filho do czar e da czarina, Alexei Romanov, que era hemofílico. Sua influência nos assuntos políticos era tão grande que a única saída que a oposição teve foi de encomendar seu assassinato que ocorreu na noite de 16 para 17 de dezembro de 1916. A família, sentindo-se isolada acaba por se retirar para Tsarkoye Selo, antiga residência imperial ao sul de São Petersburgo. (PIPES, 2012).

Do *front*, Nicolau recebia apenas notícias abrandadas da situação real, enquanto que, na verdade, incentivados pelos radicais, greves começaram a estourar pelo país, primeiro a indústria têxtil, depois a de armamentos. Houve confronto com a polícia, do qual deixou quarenta mortos. A situação se agravou quando alguns dos manifestantes foram relatar o ocorrido à guarnição de Petrogrado, que era formada por soldados com mais de 30 anos de idade, ou seja, que não deveriam ser recrutados, mas haviam sido convocados devido à guerra e estavam alojados em péssimas condições. Esses soldados – que provavelmente já não estavam de bom humor –, acabaram por aderirem à causa dos manifestantes, dias depois acabaram se rebelando, invadindo o quartel-general da Okhrana, queimando arquivos e tomando posse do poderio militar, saquearam o Ministério do Interior e hastearam a bandeira vermelha no Palácio de Inverno. Quando o czar se deu conta já era tarde demais, tentou fechar a Duma, mas não foi ouvido. Do lado de fora a multidão pedia uma solução. (PIPES, 2012; SERVICE, 2015).

Os deputados sabiam que se houvesse um momento para tentar derrubar a monarquia seria esse; a Rússia caminha então para a segunda revolução, com um começo um pouco tímido e confuso como o próprio nome de um recém formado órgão sugere:

Assim, após prolongadas deliberações, resolveram formar uma junta executiva de doze membros – dez do bloco progressista e dois socialistas (Kerenski era um deles) – sob a presidência de Rodzianko: o “Comitê Provisório dos Membros da Duma para a Restauração da Ordem na Capital e o Estabelecimento de Relações entre Indivíduos e Instituições”. (PIPES, 2012, p. 89)

No dia seguinte, a 28 de fevereiro de 1917, é fundado o Soviete de Petrogrado, tendo mencheviques como maioria, sua composição era formado mais por soldados do que por trabalhadores. Os assuntos de tomadas de decisões do soviete eram tratados no Comitê Executivo, o Ispolkom, cujos membros não foram eleitos por votos, mas foram indicados pelos socialistas; daí onde os bolcheviques passaram, aos poucos, a terem voz ativa no soviete. A Rússia se via agora em uma situação peculiar de governo. Havia a Duma, futuramente chamada de Governo Provisório e o Ispolkom, que servia como poder legislativo e executivo. Entretanto, governos não legítimos. (PIPES, 2012).

O que não os impediu de formarem o Governo Provisório mediante um acordo entre a Duma e os Ispolkom. O Ispolkom, estando apropriado das funções legislativas, acabou por aprovar um documento onde colocava todas as forças armadas em sua disposição, dominaram as estradas de ferro e os serviços postais. (PIPES, 2012) Com isso, pode-se dizer que, na verdade, a Rússia estava sob o comando do Soviete de Petrogrado, embora, a Duma,

ou Governo Provisório estivesse no poder, de maneira figurada. Isso colocava a seguinte situação, A Duma estava exposta a qualquer insatisfação popular, já que ela era o governo, enquanto que o Ispolkom, sendo apenas um órgão legislador e sem poder, teoricamente, e à vista da população, acabava por não se prejudicar com suas próprias decisões.

A formalização do Governo Provisório veio com a aconselhada e forçada abdicação do czar em 15 de março de 1917, enquanto se dirigia para a capital dentro de um trem. Ele renunciou em nome de seu irmão Mikhail, que disse que só aceitaria o cargo, caso a Assembleia Constituinte permitisse, evidentemente não foi o que aconteceu, o príncipe Georgy Lvov, é escolhido para o cargo de primeiro-ministro do governo. Embora a Duma e o Ispolkom já haviam combinado e firmado a deposição do czar (PIPES, 2012). Agora o símbolo de maior poder da Rússia havia “deliberadamente” transpassado seu poder para o Governo Provisório, se transformando assim num governo legítimo pelos moldes russos.

Assim que passou a funcionar, uma série de medidas foram tomadas, o Governo Provisório dissolveu o Departamento de Polícia (a Okhrana), transferindo suas funções para as milícias de cidadãos; governadores e vice-governadores foram exonerados de cargos que foram ocupados pelos presidentes dos conselhos provinciais que nunca tinham exercido função administrativa alguma; instituiu a jornada de oito horas de trabalho, até para as indústrias que estavam ligadas a guerra; prenderam a família real; fecharam os jornais reacionários e estabeleceu-se a censura dos soviets em todas as publicações em circulação, mas esta medida teve de ser revogada devido aos inúmeros protestos que acabou por causar. O Ispolkom chegou a colocar representantes no Ministério da Guerra, ganhando poder também ali dentro. (PIPES, 2012).

O soviete de Petrogrado se tornou o órgão mais influente de todo o país.

Não foi preciso mais do que um mês, para que o Soviete de Petrogrado estendesse sua autoridade a todo o país. Admitindo delegações de soviets de cidades, de províncias e de unidades posicionadas na linha de frente, ele passou a denominar-se Soviete Pan-Russo de Deputados Trabalhadores e Soldados, e sua executiva foi rebatizada, recebendo o nome de Comitê Executivo Central Pan-Russo (CEC), com 72 membros, dentre os quais 23 eram mencheviques, 22 SRs¹³ e 12 bolcheviques. A essa altura, o CEC já suplantava o Soviete. Instalado em 28 de fevereiro, até 3 de março, o plenário reuniu-se diariamente; depois, ao longo de todo o mês, quatro vezes, e em abril seis. Seus procedimentos não mereciam mais a atenção de ninguém e sua função principal reduzira-se a ratificar, por aclamação as resoluções do CEC. (PIPES, 2012, p. 98-99).

¹³ Socialistas Revolucionários.

A Rússia do Governo Provisório – ou do Ispolkom –, era igualmente conturbada, inflação, falta de produtos de primeira necessidade, greves e insatisfação generalizada; é claro que nada mudaria de uma hora para outra. Em abril os bolcheviques se desligaram totalmente de alianças e passaram a atuar idoneamente – Isso deu a eles uma espécie de salvo conduto, já que, agora descolados de qualquer partido ou facção não caia sobre eles qualquer parcela de culpa sobre os acontecimentos correntes. Lenin (que passou a maior parte do tempo fora da Rússia, voltando apenas no último momento) lança a tese de que o Governo Provisório de Kerenski – que sucede Lvov –, não é capaz de governar a Rússia. (SERVICE, 2015). Ao mesmo tempo ele também lança um documento que ficou conhecido como “Teses de Abril”, do qual coloca a guerra como sendo imprópria para a Rússia invocando o seu fim, diz que a Rússia estaria passando pela fase de um governo burguês, portanto, o próximo passo seria dar o poder aos soviets e ao proletariado e camponeses, declara abertamente que não deveria ser dado apoio algum ao governo provisório por ser formado por capitalistas que não cumprem o que prometem, coloca que uma república parlamentarista não seria o ideal sendo que essa deveria ser substituída por um governo de soviets, uniria todos os bancos num só¹⁴ (ULYANOV, 1917), etc.

Os bolcheviques, que a partir de agora tomam um papel de extrema importância na história da Rússia, sempre tiveram um modo peculiar de atuar. Para arrecadar fundos, era comum apostarem em assaltos a bancos e a expropriação de bens, chegaram a receber ajuda de importantes personalidades como o alemão Leon Krasin, funcionário da Siemens. Enquanto na Suíça, Lenin ainda vende informações internas da Rússia para agentes alemães, afinal, para os bolcheviques que sempre apostaram numa política mais extrema e direta, o cenário ideal para a tomada do poder era o de uma guerra civil, principalmente se essa fosse desencadeada pela insatisfação do povo contra o governo, ao passo que para os alemães, uma Rússia conturbada seria mais fácil derrubar e possivelmente conquistar. (PIPES, 2012; SERVICE, 2015).

Para Lenin, a tomada do poder teria que acontecer o mais rápido possível, antes da Assembleia Constituinte que colocaria o país no rumo e qualquer levante seria tomado como inconstitucional e imoral, seria caracterizado como um golpe e não representaria o povo. Para isso, Lenin, apostou em duas investidas, uma primeira de caráter militante, onde o partido organizou um protesto com o uso de armas de fogo, essa primeira foi debelada. Quando o governo ameaçou divulgar documentos que comprovavam o envolvimento de Lenin com os

¹⁴ Poderá ler as teses neste endereço: “<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000028.pdf>”

alemães, as tropas bolcheviques quedaram perplexas e recuaram, Lenin acabou por se reclugar na Finlândia temendo ser preso por traição. (PIPES, 2012).

A segunda tentativa não poderia ser, de igual maneira, prepotente, de modo que cautelosamente foi construída a dar a entender que nada estaria acontecendo. Lenin havia voltado à Rússia no mês de outubro para tomar as rédeas do movimento que aconteceria no mesmo dia do II Congresso dos Sovietes de Deputados em 25 e 26 de outubro ou 7 e 8 de novembro¹⁵, usou disfarces e se escondeu na casa de Margarita Fofanova (PIPES, 2012, SERVICE, 2015). Vejamos relatos de diferentes autores sobre a tomada do poder pelos bolcheviques, a terceira revolução russa; primeiro do russo Robert Service¹⁶.

Soldados leais ao Soviete de Petrogrado começaram a tomar edifícios-chave. As instalações telegráficas e a estação ferroviária foram ocupadas antes mesmo de o Palácio de Inverno ser cercado. Por volta das 10 horas do dia 25 de outubro, Lenin pôde anunciar que o Governo Provisório havia sido deposto. Enraivecidos com o golpe, os mencheviques e os socialistas-revolucionários se retiraram do II Congresso dos Sovietes. Isso permitiu que Lenin fosse em frente e formasse um novo governo. Sob sugestão de Trotski, seria chamado Conselho dos Comissários do Povo (ou Sovnarkon, em seu acrônimo russo). O início da era da revolução socialista foi anunciado. (SERVICE. 2015, p.89).

Agora, do russo Richard Pipes¹⁷.

Para chegar ao Smolny¹⁸, de barba raspada e com o rosto envolto numa atadura, como se estivesse com dor de dentes, ele esbarrou com uma patrulha de soldados fiéis ao governo e escapou por pouco da prisão, fingindo-se de bêbado. Uma vez no prédio, manteve-se escondido nos cômodos de trás, cochilando no chão. Àquela noite – 24 para 25 de outubro – as unidades bolcheviques ocuparam metodicamente todos os pontos estratégicos na cidade, como se estivessem fazendo simples rondas. Tendo recebido ordens para retirar-se, os guardas *junkers*¹⁹ recuavam voluntariamente ou eram desarmados. Ao abrigo da escuridão, o Milrevkon²⁰, tomou conta das pontes, estações ferroviárias, estabelecimentos bancários e repartições postais, telefônicas e telegráficas. Não houve sequer troca de tiros no quartel-general do estado-maior. Segundo uma testemunha, os bolcheviques “entraram e sentaram, enquanto aqueles que tinham estado sentados, levantaram e saíram”. (PIPES, 2012, p. 141-142).

¹⁵ Em calendário juliano e gregoriano, visto que até a revolução, a Rússia usava o calendário juliano. (GAZETARUSSA, 2016).

¹⁶ Robert Service, historiador e professor da história da Rússia em Oxford e escritor de vários livros sobre a Rússia e União Soviética. (JORNALOPCAO, 2015).

¹⁷ Richard Pipes é professor emérito na Universidade de Harvard e especialista em história da Rússia. (RECORD).

¹⁸ Edifício em que estava acontecendo o II Congresso dos Sovietes e que se tornou residência de Lenin e base do governo bolchevique até a mudança para o Kremlin. (MARXISTS.ORG, 2006).

¹⁹ Alunos da escola militar de artilharia. (AZEVEDO, 2017).

²⁰ Organização Militar dos Bolcheviques.

O que esses dois relatos sobre a tomada do poder nos mostram é que, em primeiro lugar, a “República” do Governo Provisório não se sustentava por si só, precisando da atuação do Ispolkom, pelo menos, como um guia, nem sequer contava com o apoio das forças armadas, que de fato, já estavam aparelhadas pelos soviets formados nas frentes de batalhas. Depois, ficou claro que o ato da tomada do poder não se deu pela luta do próprio campesino ou do trabalhador, os soviets, na verdade estavam formados principalmente por soldados, afinal “numa população de quase 170 milhões de habitantes não se contaria mais do que 3 milhões de trabalhadores industriais. A classe operária não formava um corpo unificado por todo o império, o que lhe impedia de exercer ação totalmente eficaz” (HOEZSCH, 1966, p.177).

Além do mais, o fato de a população não se manifestar, mostra que para o povo russo a situação estava tão ruim que já não lhes importava quem estaria governando, nada poderia melhorar ou piorar.

A tomada do poder em Moscou se deu através de um embate onde em 2 de novembro, o governo cedeu as rédeas. Em 1918 o partido passa a se chamar Partido Comunista. (PIPES, 2012).

2.3 GOVERNOS BOLCHEVIQUES

Até aqui foi preciso detalhar os acontecimentos da maneira em que foram postos para melhor entender o desenvolver das revoluções russa; a situação do país e as ações partidárias e faccionárias. Neste item apenas se apresentarão os presidentes que a Rússia teve e suas principais ações. O pouco que será abordado de cada presidente – ou secretário-geral –, é suficiente para nos dar uma ideia de como funcionava a União Soviética sem que nos pareça deficitário de características.

2.3.1 Vladimir Ilychi Ulianov (Lenin)

O dia corria normalmente, as pessoas faziam o que tinham que fazer no cotidiano, enquanto que os bolcheviques esperavam a rendição dos ministros para começar a governar, algumas horas depois sob avisos de disparos de canhões os congregados percebem que não tinham mais saída e se rendem “passando” o governo para os bolcheviques. Os bolcheviques acabam por abrir o Congresso dos Sovietes no Smolny e passam a ocupar mais cadeiras do

que realmente tinham direito, mencheviques e socialistas revolucionários ainda estavam no meio. (PIPES, 2012).

Lenin não esperou muito para tomar as primeiras medidas das quais já vinha anunciando em seus discursos e em seus escritos, colocou-as em prática sem hesitar e com uma sinceridade de que realmente estava fazendo a coisa certa, afinal, eram medidas nunca antes experimentadas e carregadas de otimismo:

Nas primeiras semanas após a Revolução de Outubro, concentraram-se no estabelecimento de sua autoridade e no anúncio de políticas fundamentais. Lenin publicou rapidamente seu Decreto das Terras. Com isso, determinava a expropriação dos bens da coroa, da Igreja e das propriedades da pequena nobreza sem indenização e os punha à disposição dos camponeses. Das canetadas de Lenin saiu também o Decreto da Paz. Com ele, exigia o fim imediato da guerra e conclamava todos os países beligerantes a parar de lutar. [...] O Decreto do Controle Operário dava poderes aos trabalhadores para exercer autoridade de supervisão sobre os administradores de empresas. [...] Foi proclamado também o Decreto da “Separação da Igreja e do Estado”. Os bancos foram estatizados sem indenização, e os empréstimos contraídos pelos governos de Nicolau II e Kerenski, unilateralmente cancelados, bem como proibidos os negócios de importação e exportação. O governo assumiu o controle das maiores fábricas e minas e as desapropriou. [...] O Decreto de Imprensa foi uma das primeiras medidas do Sovnarkon, o qual lhe conferia poderes para fechar qualquer jornal hostil ao novo governo revolucionário. [...] Criaram uma Polícia Política – a Comissão Extraordinária de Combate à Sabotagem e à Contrarrevolução (ou Cheka) –, cujo primeiro diretor foi Felix Dzierzynski; seu trabalho era erradicar e esmagar a resistência à Revolução de Outubro. (SERVICE, 2015, p. 90-91).

A ideia de levar a cabo um governo unipartidário, sem coalizão com outros partidos gerou extrema insatisfação e greves por parte de funcionários públicos, a imprensa também protestou contra a censura. O Banco Nacional do Tesouro acabou por recusar o envio de dinheiro a Lenin. A solução para acabar com as greves foi mandar uma ofensiva armada contra os grevistas e obrigarem eles a voltarem a trabalhar sob ameaça de severas punições, o banco foi forçado a passar uma quantia de cinco milhões de rublos. (KOENEN, 2009; PIPES, 2012).

Era comum os bolcheviques reprimirem as greves com o poderio estatal, algo que vinha acontecendo desde o primeiro ano da ascensão; outra prática muito comum era a anulação ou o envio de tropas para locais em que conseguiam a minoria das votações dentro dos sovietes. As medidas acabaram por causar insatisfação em vários grupos que formaram resistências contra o governo, de maneira que uma guerra civil acabou por ser inevitável, o principal exército opositor – porque haviam outros como os verdes e os negros –, se nominaram “Branco” em oposição ao Exército Vermelho do governo. Os verdes eram formados por camponeses que resistiam ao confisco da produção tanto pelos bolcheviques

quanto pelo exército branco, os camponeses acabaram sofrendo brutal represália por parte dos bolcheviques onde parentes dos “rebeldes” eram levados para campos de trabalhos forçados e famílias eram fuziladas. Nesse ínterim foi criado o “Comunismo de Guerra”, manobra que todos os esforços seriam postos para acabar com a guerra civil e todos os recursos seriam utilizados para o desenvolvimento econômico, claro que nos recursos inclui-se força humana. Os exércitos opositores acabaram sendo debelados por vários motivos, dentre eles a falta de estratégia, a menor quantidade de contingente e os maltratados destinados aos camponeses; a essa altura, os bolcheviques já detinham o controle de importantes setores da economia e vários decretos de expropriação de latifúndios e imóveis urbanos foram validados. Qualquer manobra que viria a ser contra o governo, deram o nome de “sabotagem”, da qual deveria ser combatida pela *cheka*. (KOENEN, 2009; PIPES, 2012; SERVICE 2015).

Com muita dificuldade por divergências de ideias, com a ameaça da Alemanha entrando na Rússia Ocidental rumo a Petrogrado, com a mudança da capital para Moscou e com a criação do primeiro batalhão de trabalho forçado para abertura de trincheiras, foi corroborado o Decreto da Paz, com a assinatura em 03 de março de 1918 do Tratado de Brest-Litovsk; esse tratado tirava a Rússia da guerra; em suma, custou à Rússia o desmembramento de territórios como a Finlândia, a Polônia, a Bielorrússia, a Ucrânia e Países Bálticos e perdas de importantes fontes de recursos minerais e de sua indústria. Por outro lado, malgrado a ajuda que a França havia dado à Rússia, deixava os aliados em situação de extrema urgência onde acabaram perdida incontáveis vidas quando a ida dos soldados alemães para a frente ocidental. Com a rendição da Alemanha, alguns desses países acabam por se tornarem Estados independentes, o que não duraria muito tempo, haja vista a anexação de territórios pela formação da União Soviética em alguns anos. (PIPES, 2012; PONS, 2014).

De todas as medidas, talvez a mais radical tenha sido a da tentativa de abolir o dinheiro e volver a uma situação de escambo como tentativa para mumificar as classes.

Numa de suas primeiras tentativas de abolir o dinheiro, os bolcheviques fomentaram uma inflação que o tornaria sem valor. Fizeram isso deliberadamente, emitido cédulas na velocidade máxima de impressão suportada pelas máquinas. Usaram o “papel colorido” [como chamavam o dinheiro] para tirar o grão dos camponeses e pagar salários dos numerosos empregados do governo. [...] Em maio de 1919, o tesouro foi autorizado a imprimir tanto dinheiro quanto julgasse necessário à movimentação da economia. Daí em diante, a produção de “papel colorido” transformou-se na maior e talvez única indústria em crescimento na Rússia soviética. (PIPES, 2012, p.190-191)

Com a desvalorização ocorrida pela rápida impressão do papel moeda e os baixos preços que o governo pagava pelos cereais aos camponeses – que deveriam vender somente

ao governo sua produção –, os camponeses começaram reter a produção em forma de protesto, precisando dos grãos para alimentarem os centros urbanos, os bolcheviques mandaram pelotões para confisca-los, revoltas e protestos eclodiram por todo o país, situações como prisões e fuzilamentos aconteceram, a saída encontrada foi reverter a situação com novas medidas. Em 1921, em meio à crises e protesto criaram a NEP (*Novaya Ekonomiceskaya politika* ou Nova Política Econômica). Basicamente resumia-se em um afrouxamento na área econômica, permitindo o negócio privado e uma maior repressão na política para contrapor o pensamento de dinamismo e liberdade que o “livre mercado” poderia gerar, a medida deixava de confiscar os grãos ao passo que criaram pequenos impostos que seriam cobrados com a produção dos camponeses. Seria uma medida temporária. Cartões de racionamento foram criados, onde cada pessoa poderia comprar uma certa quantia de bens de primeira necessidade. (SERVICE, 2015; KOENEN, 2009)

As rações diárias haviam caído para 250 gramas e em alguns casos 125, novas greves e protestos eclodiram, os marinheiros de Kronstadt também entraram, mas sucumbiram depois de dez dias; o resultado foi prisioneiros para campos de trabalho forçado e fuzilamentos. Por outro lado, o mercado negro crescia disparadamente de maneira que a guarda vermelha e alguns cidadãos, provavelmente contratados pelo governo, porque usavam laços vermelhos nos braços, acabavam por deter senhoras que vinham do campo nas ferrovias e tomavam tudo que elas traziam nos sacos ou embaixo das roupas que seriam para vender. Enquanto que no campo os camponeses denominados pobres poderiam atacar aqueles considerados ricos. (KOENEN, 2009).

Com medo de alguma insurreição ou de movimentos contrarrevolucionários que poderiam acontecer pela existência do czar e sua família, Lenin decide que seria melhor para a revolução se a família imperial fosse exonerada da Rússia, num primeiro momento, a ideia seria expulsá-los para a Inglaterra, mas o pedido de asilo foi negado por Jorge V, seu próprio primo, o destino de toda a família foi a morte no dia 17 de Julho de 1917. (PIPES, 2012; SERVICE 2015).

Além do assassinato da família real por questões políticas, outros milhares acabaram por cair no episódio que ficou conhecido como “Terror Vermelho”. Isso aconteceu porque no mesmo dia em que Lenin foi atingido por dois disparos de arma de fogo, o chefe da Cheka foi assassinado em Petrogrado, situação que gerou motivos para o Terror, visto que o argumento era de que estavam sendo alvos de grupos contrarrevolucionário. Sequestros e fuzilamentos eram praticados todos os dias, apenas em Petrogrado e em um único dia 512 reféns foram fuzilados, a autorização para os fuzilamentos veio de Zinoviev. (PIPES, 2012).

Embora houvessem tentativas de abrandar a questão da fome, tendo a NEP como uma das medidas, a situação apenas se agravou, além das requisições, antes da NEP e dos impostos depois da NEP, dos recrutamentos de camponeses para o exército que chegavam a 50% da população em algumas regiões – atitude que tirava mão de obra do campo –, o ano de 1920 foi marcado por uma estiagem que diminuiu drasticamente a produção, o mesmo aconteceu em 1921. Os relatos era que já não haviam mais protestos porque as pessoas estavam com tanta fome que apenas sitiavam pacificamente o comitê dos soviets em busca de cereal. Em contrapartida, Lenin e Molotov ordenaram que todos os comitês distritais entregassem a quantia exata dos tributos. O governo russo apelou para ajuda humanitária internacional, só a *American Relief Association* (dos Estados Unidos), alimentou diariamente 11 milhões de pessoas, outros órgãos enviavam medicinas. Ao passo que 29 milhões sofreram de desnutrição e mais de 5 milhões acabaram morrendo, Trotsky gastava milhões com a compra de armamentos do exterior. A estimativa é que somente no governo Lenin mais de 15 milhões de pessoas perderam a vida por conta da guerra civil, da fome, dos *pogroms*, dos fuzilamentos e de epidemias. (KOENEN, 2009).

2.3.2 Jossef Vissariónovitch Stalin (Koba)

Lenin será atingido por uma doença que aos poucos não permitirá mais com que ele fale ou sequer assine seu nome. Em 1922, apesar do infarto, deixou encaminhado o que no final do ano seria o pontapé inicial para a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com a anexação da Ucrânia, Bielorrússia, e Transcaucásia. Em seu testamento insinuou que Trotsky e Stalin seriam os mais aptos para tomar o seu lugar, apesar do medo de que a disputa entre eles poderia separar o partido em duas facções. Em 21 de janeiro de 1924 Lenin morre e tem seu corpo embalsamado para veneração. (SERVICE, 2015).

O cargo de secretário-geral criado para Stalin ainda no governo Lenin, aparentemente não tinha importância alguma, sendo motivos de piadas, entretanto, essa posição dar-lhe-ia acesso a tudo o que acontecia no partido e vantagens sobre todos os outros, principalmente quanto a informações, além disso

tinha conquistado considerável popularidade entre os membros comuns do partido. Sendo assim, na votação (secreta) para o Comitê Central do partido, em março de 1919, ele (com Nicholas Bukharin) angariaram mais votos do que qualquer outro [...]. Stalin primeiro se associou com Kamenev e Zinoviev, membros do triunvirato que dirigia o partido durante a doença de Lenin, para se livrar do rival comum,

Trotsky. Por meio da calúnia, intimidação de seus adeptos e métodos sub-reptícios semelhantes, despojaram Trotsky de seus cargos, expulsaram-no do partido e, então, exilaram-no primeiro na Ásia Central e, por fim, em 1929, no estrangeiro, onde, em 1940, Stalin mandou assassiná-lo [no México]. Em seguida Stalin voltou-se para Kamenev e Zinoviev, que ele tiraria do politburo. (PIPES, 2014, p. 54).

Dessa maneira, Stalin pôde chegar ao topo do partido mantendo o cargo de Secretário-Geral, antes Presidente do Partido (ocupado por Lenin). Dentre suas medidas, primeiro, movido pelo pensamento de que haveria uma guerra no continente, criou os Planos Quinquenais, onde colocaria todos os recursos em sua utilização máxima para a total industrialização do país. Desse plano saíram represas, estações de eletricidades, siderurgias, fábricas de automóveis e de tratores. Ainda, a metalurgia deveria bater metas inalcançáveis e de fato não bateram, sendo que ao final do primeiro plano quinquenal não foram revelados os números de produção que haviam ficado abaixo do esperado. (KOENEN, 2009; PIPES 2014).

O plano também incluía a coletivização da agricultura, ou seja, os camponeses agora voltariam a ser empregados do governo, com isso teriam que destinar toda a produção para a distribuição nas cidades, fábricas e exércitos em troca de uma remuneração extremamente baixa, de fato o poder de compra de toda a população durante os planos quinquenais havia caído para apenas um décimo de antes do plano. Os camponeses não foram favoráveis às mudanças para a coletivização, houve confronto com o exército; até 1937, 99% das terras já haviam sido coletivizadas. O preço pago foi a perseguição, o envio de milhões para campos de trabalhos forçados, o fuzilamento e a fome causada pelos confiscos. O governo incentivou a guerra contra os *kulaks* – camponeses considerados ricos –, de maneira geral, essa política fez com que milhões de pessoas sofressem algum tipo de represália, desde a expropriação de seus bens, passando por prisão em campos de concentração (trabalho forçado), banimentos até à pena de morte. (KOENEN, 2009; PIPES, 2014; SERVICE 2015).

A região que mais sofreu com a fome foi a Ucrânia quando Stalin ordenou que confiscassem todos os grãos de determinadas áreas para enviarem a Rússia e proibiu que os ucranianos fugissem de seu território para procurarem comida em outro lugar colocando as forças armadas em estações e fronteiras. Estima-se que 6 ou 7 milhões de pessoas morreram nesse episódio conhecido como “Holodomor” nos anos de 1932 e 1933. (KOENEN, 2009; SERVICE, 2015).

A quantidade de prisioneiros criados pelo governo Stalin, sejam políticos ou “rebeldes” é tanta que já não quedam espaços nos campos de concentração, por isso

o “Gulag” em formação [1930] – a “Administração Central dos Campos” – inicialmente só conseguiu absorver parte dos condenados. Por isso, para absorver a

massa dos “novos” ao trabalho, em 1931, foi decidido o “imediato” início de uma série de gigantescas obras ferroviárias, de canais e de barragens. O projeto mais famoso foi o canal do Mar Branco ao Mar Báltico. 120 mil prisioneiros tiveram de construí-lo sem quaisquer meios técnicos, com enxadas, pás e carrinhos-de-mão por eles mesmos feitos, atravessando penhas e pântanos – cenário dantesco em que milhares morriam de fome, frio e fadiga. (KOENEN, 2009, p. 161)

Um dos maiores canteiros de obra da Rússia socialista foi Magnitogorski, a imensa metalúrgica que media 20 km de comprimento e 10 km de largura, considerada como uma das obras faraônicas do governo bolchevique – caracterizado, também, por imensas obras –, produzia a mesma quantidade de aço que toda a Grã-Bretanha junta. Nesse complexo chegaram a trabalhar meio milhão de pessoas em situação totalmente insalubre, a temperatura chegava facilmente aos 40 graus positivos e negativos, precisavam habitar em tendas ou em buracos feitos no chão, posteriormente foram construídos barracos onde habitavam até 100 pessoas. Somente perto do final da segunda guerra que foram construir blocos habitacionais que comportavam até 5 pessoas por quarto. Dentre os trabalhadores de *status* forçado, encontravam-se engenheiros, gerentes e cientistas, todos sendo colocados no mesmo patamar, “parasitas”²¹. (KOENEN, 2009).

Mesmo sendo um complexo com caráter de evolução, buscando evocar o “grandismo” soviético, ainda assim era um canteiro de trabalho forçado, portanto, além das condições de vida não serem das melhores, a qualidade do material de construção também era precária.

Na verdade, nada funcionava. Cavavam-se buracos sem ainda ter os planos de construção. Caras máquinas ainda um ano depois de chegarem continuavam debaixo de lonas e estragavam. Ruíam andaimes fixos mal construídos – talvez porque os trabalhadores tivessem usado a madeira de construção para se aquecer. Aliás, havia mesmo um número impressionante de acidentes de trabalho de todo tipo, e sempre, logo após, iniciava-se fantasmagórica caça aos supostos “sabotadores”. (KOENEN, 2009, p. 167).

²¹ Aspas originais de Koenen.

Figura 7 – Magnitogorski, 1930



Fonte: commons.wikimedia.org (1930)

O Grande Terror, ou Grande Expurgo, que sucedeu o Holodomor, foi uma manobra de Stalin para acabar com todo e qualquer tipo de oposição, uma paranoia que via inimigo em qualquer pessoa, dois funcionários do alto-escalão não poderiam sair juntos no mesmo carro ou conversarem a sós que seriam acusados de traição e seriam punidos; expulsos para regiões inóspitas, ou enviados a campos de trabalhos forçados ou fuzilados. Normalmente quem entrava para a lista eram os considerados “antigos”, aqueles que outrora seguiram Lenin ou Trotisky, de maneira geral, artistas e intelectuais que eram obrigados a participarem dos Processos-Farsas. (KOENEN, 2009).

O início se deu com o assassinato de Kirov – grande apoiador de Stalin e possuidor de cargo de “confiança”, provavelmente aquele que lhe sucederia. Com isso, Stalin pôde acusar qualquer um e mandar que participassem dos julgamentos forjados, onde a única saída era confessar, sob tortura, um crime que não cometeu e ser condenado; a culpa acabou caindo em Zinoviev e Kamenev, cujo julgamento-farsa foi gravado; os dois foram assassinados depois de horas de torturas para confessarem seus “crimes” no tribunal, embora o assassino tenha sido um sujeito chamado Leonid Nikolaev. Agentes com grandes cargos e nomes dentro do governo acabaram caindo nas garras do Terror, apenas em Leningrado, 90% dos “antigos” caíram. A ordem era para que fossem feito registros e a eliminação de todos os elementos antissoviéticos, dentro e fora do partido. De 1937 a 1938, estima-se que mil pessoas eram fuziladas por dia. (KOENEN, 2009, PIPES, 2014; SERVICE, 2015).

A era Stalin coincidiu com a segunda guerra mundial, malgrado não seja o foco, vale lembrar que, a União Soviética, de certa forma, contribuiu para o episódio; o que acontece é que

do começo da década de 1920 até 1933, a União Soviética envolveu-se em colaboração secreta com os militares alemães para que pudessem evitar as provisões do Tratado de Versalhes, que proibiam ou limitavam rigorosamente a manufatura alemã de tanques, aeronaves, submarinos e gás venenoso. Moscou permitiu que os alemães produzissem e testassem essas armas em seu território, enquanto que os alemães, em troca convidaram os oficiais do Exército Vermelho a frequentarem seus cursos de oficiais, que preparavam as estratégias e táticas da *blitzkrieg*. (PIPES, 2014, p.70).

Vale lembrar ainda que “quando, em 1940, as forças de Hitler esmagaram os exércitos aliados na França e, depois, prosseguiram a ocupação da maior parte do continente, Stalin fez aliança com a Alemanha nazista, fornecendo alimentos, metais e outros materiais escassos.” (PIPES, 2014, p.71). Stalin nutria a ideia de que seria interessante se a Alemanha conseguisse abalar os países ricos capitalistas aos passo que também se enfraquecia com a guerra, com isso a URSS entraria como potência no conflito. (PONS, 2014).

O que Stalin não contava era com uma futura traição de Hitler que abriu uma frente Oriental de ataque às cidades de Leningrado e de Kiev, mas quando foram atacar a capital Moscou, o inverno já havia chegado, além do mais, as mulheres tiveram um papel fundamental nessa guerra, quando foram convocadas para cavarem trincheiras no solo congelado da capital. Apesar da vitória, os russos tiveram mais baixas do que os alemães e os que foram pegos como prisioneiro na Alemanha, ao voltarem, acabaram sofrendo punições, mas pôde sair gloriosa da guerra como a defensora dos povos. (KOENEN, 2009; PIPES, 2014; PONS 2014).

A era Stalin resume-se então em guinada na industrialização do país com grandes obras levadas a cabo; pagas pelo trabalho escravo de milhões de pessoas, com a fome nos campos que serviram para alimentar, precariamente, os centros urbanos e industriais e o exército e com perseguição política que expulsou milhares do país e matou milhões.

2.3.3 Nikita Sergueievitch Khrushov

No dia 5 de março de 1953, enquanto na sua casa de campo, Stalin foi acometido por um ataque cardíaco, os guardas que estavam no lado de fora da casa temiam entrar nela para não atrapalharem a rotina do Secretário-Geral e serem repreendidos, horas depois ao

entrarem, se depararam com Stalin em situação crítica no chão. Quando os médicos chegaram já era tarde demais. (SERVICE, 2015).

Com a morte de Stalin, uma disputa acontecia para decidirem os rumos do partido e do país.

As principais figuras da liderança soviética reorganizada às pressas foram Georgy Malenkov, Lavrent Beria e Nikita Khrushchev²². Os três concordaram que era fundamental realizar uma reforma e uma renovação no sistema soviético. Contudo, nem todos os líderes concordaram com isso: Vyacheslav Molotov e Lazar Kaganovich eram crentes fiéis às políticas governamentais de Stalin e ficaram apreensivos com efeitos desestabilizadores que poderiam resultar em mudanças. No entanto, não tinham a energia e os cargos institucionais ocupados pelo trio mais jovem. Malenkov chefiou a máquina governamental. Beria retomou o controle sobre a polícia e Khrushchev aumentou a autoridade que exercia sobre o aparato do partido. Em conjunto, distanciaram-se das diretrizes políticas do legado stalinista. (SERVICE, 2015, p. 360).

Khrushchov acaba ficando com o cargo de Secretário-Geral da URSS, no XX Congresso do partido, cautelosamente, denuncia os crimes de Stalin para aqueles que estavam ali presentes. Depois de muitas greves e levantes, os Gulags acabam perdendo força e o número de escravos diminui drasticamente. Isso não significa que houve um afrouxamento na política soviética, de maneira geral, ainda é o partido quem controla tudo. Contatos com estrangeiros foram sendo permitidos, à medida que as permissões de entrada de estrangeiros no país foram menos dificilmente cedidas. A política econômica dos países satélites foram se abrindo ao estilo das democracias sociais, ainda que timidamente; o que causou descontentamento entre membros do partido. (KOENEN, 2009; PIPES, 2014; SERVICE, 2015).

Por outro lado a corrupção acabou aumentando tanto, que cargos até em países satélites acabaram sendo comprados. A política externa foi de competição com os E.U.A numa tentativa de superar sua posição, chegou a incitar e oferecer ajuda financeira a países que aceitavam se opor aos E.U.A e possuíam guerrilhas. Foi no governo Khrushchov que foi começado o investimento maciço na tecnologia aérea com projetos como o *Sputnik*, que lançou o primeiro satélite no espaço. Foi no seu governo também que, foi fundada a Universidade Russa da Amizade dos Povos que além de oferecer cursos a jovens militantes do, na época, Terceiro Mundo, forneciam bombas e cursos de sabotagens. Só no primeiro ano foram 7000 alunos inscritos dentro os quais, mil eram brasileiros. (VILLA, 2014; SERVICE, 2015).

²² Poderá encontrar diferentes grafias do nome para a transliteração em português.

No governo Kruschov houve grande aumento do preço dos alimentos, revoltas em várias cidades e causou insatisfação dentro do partido com as medidas que poderiam causar perdas de privilégios entre os membros, agravando sua situação com o caso dos mísseis; o líder soviético fica amigo de Fidel que pede-lhe ajuda militar para se defender dos E.U.A, Kruschov acaba instalando mísseis nucleares de grande alcance em Cuba causando instabilidade entre os países. A crise dos mísseis terminou com um acordo onde a URSS retirava os mísseis de Cuba e os E.U.A desativariam as instalações nucleares na Turquia. Kruschov sofre um golpe de Estado pacífico e é tirado do poder por aqueles que ele mesmo havia colocado. (SERVICE, 2015).

2.3.4 Leonid Ilitch Brejnev

Em seu governo, buscou fazer com que as políticas voltassem aos moldes stalinistas, ao passo que, igual como Kruschov, tentou expandir o fornecimento de alimentos e produtos aos soviéticos, uma expansão humilde, visto que o país passava constantemente por problemas de produção alimentícia e de produtos básicos. O pensamento de que o capitalismo estaria chegando ao seu fim, voltou a ser forte, por outro lado, eletrodomésticos que tanto foram desprezados por Kruschov, foram produzidos em “larga escala”, tais como, máquinas de lavar e televisores com imagem colorida. Desenvolveu a “Teoria da Soberania Limitada”, ou “Doutrina Brejnev” da qual confirmava o direito de Moscou intervir em todos os países com governo comunista do Leste Europeu, de onde surgiram conflitos em alguns países, como na Tchecoslováquia. Em 1982, Brejnev morre. (SERVICE, 2015).

2.3.5 Iúri Vladimirovitch Andropov

Lançou campanhas contra a corrupção, exigiu a pontualidade e o desempenho dos funcionários, aposentou vários membros do partido, tinha a certeza de que para desenvolver a URSS medidas deveriam ser tomadas. Por isso, por baixo dos panos, criou um grupo de políticos, dos quais estava presente Mikhail Gorbachev, onde deu a conhecer quais rumos econômicos a União deveria percorrer. Foi em seu governo entretanto, que o clima da Guerra Fria esquentou, quando os soviéticos derrubaram, por acidente um avião de passageiros sul coreanos, matando todos. Tempos depois relatórios da KGB diziam que os E.U.A lançariam uma bomba nuclear em território soviético. O clima de tensão era grande, mas nenhum dos

dois líderes cometeram atos precipitados e nada aconteceu. Andropov morreu por questões de saúde em 1984. (SERVICE, 2015).

2.3.6 Konstantin Ustínovicht Chernenko

Assume o cargo já doente, apenas continua com as políticas de Brejnev e morre em 1985. (SERVICE, 2015).

2.3.7 Mikhaiei Sergueievitch Gorbachev

Iniciaram-se reformas políticas e econômicas em seu governo. Se deram conta que já não poderiam mais competir com o mundo capitalista em questões econômicas, afinal, até mesmo países do “Terceiro Mundo” haviam ultrapassado a URSS na produção industrial e qualidade de vida. Além disso, pouco a pouco, os países do Leste Europeu, de alguma forma foram debelando os líderes comunistas e mudando drasticamente suas políticas, Gorbachev não fez questão de atuar militarmente, retirando o Exército Vermelho daqueles países. (SERVICE, 2015)

Assinaram o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Médio com os E.U.A e ambos os países concordaram com destruir grande parte dos armamentos nucleares, a URSS retirou as tropas do Afeganistão, parou de apoiar a revolução na Nicarágua e forçou os cubanos a saírem da África. No final dos anos oitenta decidem por pôr em prática o plano de unificação da Alemanha com a derrubada do Muro de Berlin. Ao mesmo tempo pediram que Cuba maneyrasse seu discurso antiamericano. (SERVICE, 2015).

A política de Gorbachev baseou-se em duas premissas, a *glasnost*, ou algo como abertura, “que significava um fim ao sigilo do governo e um relaxamento considerável da censura”. (PIPES, 2014, p. 78), o que não significa o fim de um Estado monopartidário, mas sim um governo com alguma transparência; e a *perestroika*, ou “reconstrução” que se direcionaria para uma mudança nas questões econômicas. (SERVICE, 2015).

Indo um pouco mais além, ele institui que a convocação dos membros no partido não seria mais por nomeação e sim por votação, das quais seriam supervisionadas por ele e passadas ao vivo na televisão, inclusive não comunistas conseguiram cargos no governo. Admitiu também em 1990 a criação de partidos políticos. E essa liberalização política, sendo que havia agora uma certa liberdade de expressão acabou por danificar a imagem de Gorbachev, porque a mudança para uma economia de mercado – onde membros do partido

eram subornados com negócios que eram passados ao seu nome para apoiarem a mudança –, causou confusão no país que passou a sofrer com falta de produtos nos supermercados e o padrão de vida da população caiu, aparecendo pela cidade, mendigos. (KOENEN, 2009; PIPES, 2014; SERVICE, 2015).

A insatisfação e a abertura levaram Gorbachev a ser vítima da quarta Revolução Russa. Mais que isso,

foi o próprio partido que foi infiltrado e decomposto primeiro. Ele se desintegrou em pouquíssimo tempo, em vários partidos nacionais e, ao mesmo tempo, em facções completamente divergentes. Grupos de “reformadores” e “democratas” afastaram-se do partido. Outros mostraram-se determinados a defender o “socialismo” e a “estabilidade”, e conspiravam com parcela de militares e serviços secretos. Gorbachev situava-se no meio. [...]. Quando ele [...] acompanhado da esposa e netos enrolados em cobertores, descia do avião que o retirara de suas férias forçadas, aí passava a imagem de sobrevivente de naufrágio histórico. Enquanto isso, Yeltzin posava sobre um tanque, como outrora Lenin, diante de uma “Casa branca” que era sede de seu governo democrático russo, que se opusera ao governo soviético. (KOENEN, 2009 p. 362).

A União Soviética não existe mais, no Natal de 25 de dezembro de 1991, o maior império comunista deixa de existir e a bandeira vermelha com a foice e o martelo, que outrora flameava no Kremlin, dá lugar agora à bandeira tricolor. Que presente! Na verdade, Gorbachov, anunciara que a URSS deixaria de existir no dia 31 de dezembro de 1991, não fosse o movimento militar de Yeltsin.

A seguir, apresentam-se as imagens dos presidentes soviéticos abordados nos itens desse capítulo.

Figura 8 – Presidentes da União Soviética



Fonte: Commons.wikimedia.org (2017)²³

2.3.8 Um mergulho para dentro do cenário da URSS

De maneira geral, o padrão de vida e o poder de compra na União Soviética havia caído drasticamente se comprado com dados de antes de 1917, caindo posições no ranking mundial. Ainda assim, os habitantes da URSS possuíam serviços públicos com preços extremamente baixos ou até mesmo de graça; o aluguel, provavelmente era o mais barato do mundo, sem embargo, o tamanho dos cômodos não ultrapassavam os seis metros, dependendo da cidade. A saúde era teoricamente grátis, mas a corrupção fazia com que os soviéticos pagassem até mais do que seu próprio salário pelo atendimento e se ficasse internado ainda teria que pagar a comida, já que a destinada ao hospital era roubada. (ZEMTSOV, 1985).

O *apparatchiki*, que além dos altos salários, chegava a receber até 300% a mais do que um trabalhador do campo, tinha regalias que a população normal nem sequer sonhava em ter como, casas de férias – normalmente as datchas, ou casas de campo –, motorista particular, empregadas domésticas, babás e acessos a hospitais e lojas restritas apenas à eles. Quanto as casas ou apartamentos de férias, era quase impossível para um trabalhador conseguir, visto

²³ Todas as fotos foram tiradas da mesma página da internet e juntadas em apenas um quadro. Os links de referências sem encontram nas referências devidamente separados.

que tinham que pagar subornos altíssimos; para um membro do partido, entretanto, isso não era um problema. (TODD, 1976; ZEMTSOV 1985).

A força de trabalho soviética não tinha interesse na evolução tecnológica, o sistema ao qual estavam inserido, de “serem chefes de si mesmos”, de baixos salários, de falta de mão-de-obra qualificada, fazia com que a produção fosse extremamente baixa, sendo que, por mais que fábricas fossem abertas em solo soviético, a sua relativa em países como E.U.A, produzia até quatro vezes mais com o mesmo número de empregados, isso quer dizer que, a cada um funcionário dos Estados Unidos era preciso, às vezes, até quatro soviético para produzir o mesmo produto no mesmo tempo. Roubos nas fábricas era comum, ou para consumo, ou para venderem posteriormente. (TODD, 1976; ZEMTSOV, 1985).

Por muito tempo as cidades da Rússia soviética foram largadas, autores de livros que tiveram a oportunidade de visitar alguma cidade russa enquanto ainda era permitida a entrada de estrangeiros, documentaram o cenário de desolação que apresentavam, principalmente nos primeiros anos de governo bolchevique.

Era a primeira vez que uma cidade moderna chegava a tamanha decadência. Por quatro anos, nada fora reparado ou consertado, [...] o calçamento abatera sobre a rede destrocada de esgotos; os postes de luz jaziam onde haviam caído, nenhuma loja ou casa comercial estava aberta e a maior parte tinha as janelas quebradas e tapadas com tábuas. A tênue e escassa corrente de povo nas ruas usava roupas esfarrapadas e incongruentes, pois não existem roupas novas na Rússia, nem sapatos. Muita gente trazia aos pés enrolados em panos. [...] Mesmo os comissários bolcheviques apresentavam aspecto maltratado e barbas crescidas, pois navalhas e coisas deste gênero nem estavam sendo feitas nem importadas. A porcentagem de mortalidade era enorme e a população dessa cidade condenada estava condenada a decrescer de centenas de milhares por ano. WELLS, 1970, p. 539).

Um governo que está voltado para a guerra e para a competição explícita com outros países não consegue evoluir. O cidadão soviético era obrigado a produzir a todo custo, era pressionado a delatar, vivia com medo de ser acusado de algo que não fez. Isso fazia com que o psicológico se deteriorasse; não era saldável, por isso, dentre outros fatores, seria impossível o desenvolvimento da URSS para além da propaganda estatal.

3 A RÚSSIA SOVIÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Faz-se necessário nesse trabalho um capítulo que aborde sobre o livro didático usado nas escolas, em primeiro lugar, porque o próprio trabalho se baseia grandemente em o estudo da Rússia soviética no livro didático. E como será mostrado no decorrer deste capítulo, o livro é feito por homens, homens carregam consigo uma carga ideológica, homens se portam de maneira diferente e dessa maneira reproduzem os seus valores no trabalho. Sendo objeto de pesquisa, nada mais natural do que conhecer essa ferramenta em como ela é e o que ela pode ser.

Além do mais, “o livro didático tem sido, desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aulas e condições pedagógicas [...]” (BITTENCOURT, 2003, p. 72). Logo, deixá-lo de fora dessa monografia seria uma omissão sem precedente para a abordagem temática que se faz necessário sobre a Rússia Imperial e Bolchevique.

3.1 PROFESSOR, LIVRO DIDÁTICO E IDEOLOGIA

Se perguntar a qualquer professor qual a função do livro didático, este possivelmente responderá algo como sendo uma ferramenta, uma bússola ou um guia, que auxiliará o desenvolvimento da aula. Tendo isso como resposta percebeu-se a importância dada ao material, e que de fato, deve ter essa implicação didático-pedagógica, afinal, foi confeccionado por vários autores que possuem conhecimentos historiográficos sobre os temas.

Franco (1982) coloca, em sua pesquisa que 80% dos professores utilizam o livro didático para lecionar, seja pela qualidade do livro, pelas imagens ou pelos exercícios que ele traz ou tão somente pelo fato de terem pouco tempo para preparar o material devido às provas que possuem para corrigir. (FRANCO, 1982). Embora a pesquisa tenha sido feita nos anos 80, ainda hoje, a situação não é muito diferente, tendo este que vos escreve, tido a oportunidade de assistir a diversas aulas de história de 2015 a 2017, e poucos foram os que, em alguma ocasião, desprende-se do livro didático, tendo-o, como já citado, seu guia; norteador.

E os motivos não são muito diferentes daqueles dos anos oitenta, vejamos:

o livro didático, nesse aspecto, elabora as estruturas e as condições do ensino para o professor, sendo inclusive comum existirem os “livros do professor” ou do “mestre”. Ao lado dos textos, o livro didático produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção

dos conteúdos. Assim, os manuais escolares apresentam não apenas os conteúdos das disciplinas, mas *como* esse conteúdo deve ser ensinado. (BITTENCOURT, 2003, p. 72).

Entretanto, o livro didático:

não deve ser considerado como única fonte de conhecimento disponível para o educando, mesmo sendo utilizado didática e corretamente em sala de aula, pois o professor deve ter consciência da necessidade de um trabalho diversificado e, para tanto, é preciso buscar, em outras fontes, informações e conteúdos que venham a complementar e enriquecer o livro didático. (VERCEZE, SILVINO, 2008, p.85).

Há de se reconhecer que ficar preso ao livro didático acaba fazendo com que o professor deixe de ser o agente principal – levando em consideração que o sistema tradicional de ensino é o que predomina no Brasil –, e acaba, sorrateiramente, por ocupar o papel secundário em sala de aula. Ele não toma as rédeas na sala de aula, ele se deixa guiar pelo conteúdo sequenciado e abordado. Entretanto, “o livro didático é limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas.” (BITTENCOURT, 2003, p. 73).

Seria onde o professor teria que entrar e incrementar as visões e os fatos ocultados pelo livro, tanto para melhor entendimento quanto para formação crítica do aluno, visto que, “o livro didático, seja qual for – de História, Geografia, Estudos Sociais, ou mesmo de Matemática –, não é neutro. Nos conteúdos que transmite também se encontram valores, as crenças, enfim, a visão de mundo dos autores que o produzem.” (FRANCO, 1982, p. 17).

Isso se dá, também, porque a própria escola não é um espaço neutro, por inúmeros motivos ela faz política, ou melhor, “a política das estruturas, a política dos sistemas, a nossa política e a política que interessa à nossa classe social. (WERNECK, 1993, p. 25). Portanto, nem sempre está ligada ao político em si, aquele do partido que representa.

Werneck (1993) defende que a ideologia não é universal, ela é do partido político de determinado país ou região, com isso, o partido que estiver no comando, irá, provavelmente, moldar o livro de acordo com a sua ideologia, e se tratando do livro didático de história e levando em consideração que o tema abordado é o da União Soviética, um tema com fortíssima carga ideológica, dependendo de quem estiver no poder, o livro didático virá com uma direção e uma retórica. Nessa situação, o professor deverá se manifestar, colocar que determinada situação também teve outro lado, se de fato houver, e sem suposições.

Sem embargo, não é muito o que acontece nas escolas, o professor como qualquer cidadão tem o direito de ter sua ideologia, o problema, como mostra Werneck (1993, p. 39) é quando sobretudo em suas atitudes, quando leciona, [o professor] poderá transmitir aos alunos um sentimento de aprovação ou reprovação do processo em pauta [...]”. Aí o problema não

estaria, necessariamente, apenas no livro didático, nem tudo é “distorcido” ou tendencioso, não se pode menosprezar o livro didático a esse ponto. Tomamos, por exemplo, a Revolução Bolchevique, que é um fato inegável da história mundial, ela aconteceu, agora, ao falar do assunto, o professor poderá ou falar com escárnio ou com louvores, enquanto que nessas situações, quiçá a melhor maneira seria abordar o tema sem qualquer demonstração de aprovação ou reprovação. Nada impede, também, uma resposta sincera caso o aluno peça ao professor sua opinião sobre o assunto.

Pois bem, suponhamos que o professor opte por abordar a Revolução “com louvores”. No aluno, de maneira inconsciente, estará gerando um sentimento de aceitação do modelo comunista soviético (independente se foi bom ou ruim para a época), e isso fará com que ele seja direcionado a votar ou apoiar os partidos que professam essa ideologia ou uma parecida. Isso se dá porque “em todos os sistemas de ensino, os conteúdos apresentam-se como manifestos e ocultos” (WERNECK, 1993, p.39). Ou seja, ao ver e ouvir o professor falar com entusiasmo sobre o assunto, colocando-o como uma mudança positiva do sistema de coisas, fará com que o aluno aceite a questão ideológica e filosófica ensinada na disciplina de filosofia sobre esse assunto e, provavelmente, não desenvolva o pensamento crítico da antítese e consequentemente da retórica. Com o posicionamento contrário, o oposto também aconteceria, apenas o pensamento crítico e a retórica permaneceriam sem se desenvolverem. E isso acontece porque “tudo é absorvido pelo aluno, daí a importância em considerar que os livros didáticos podem funcionar como instrumento de reprodução ideológica [...]”. (FRANCO, 1982, p. 19).

3.2 LIVRO DIDÁTICO E CIDADANIA

Nesse item é necessário, primeiramente, abordar a seguinte situação:

quando se examina o significado social inerente à própria disciplina de História, enquanto área de conhecimento humano, a pergunta que se coloca é: “Para que estudar História?” ou “a que serve o ensino de História?” Naturalmente, não é para aumentar “a bagagem intelectual” dos alunos, para que possam mostrar erudição, citando os mínimos pormenores deste ou daquele fato perdido no tempo e no espaço. O ensino da História desempenha uma função social muito mais importante. Dentre outras, a História é a disciplina que concentra grandes possibilidades de contribuir para o desenvolvimento da consciência social do aluno. (FRANCO, 1982, p. 23).

A questão é: Será que os livros didáticos de História, hoje, trazem o conteúdo de maneira que se possa contribuir para o desenvolvimento de uma consciência social? Se não

trazem, é outro ponto que o professor não pode deixar de descolar-se do livro para buscar outras alternativas, a fim de abrir os horizontes do conhecimento histórico.

No entanto, hoje, grande parte dos livros de História trazem questões que antes eram impensáveis de se abordar, das quais a lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008, estabelece que, além do ensino da cultura afro-brasileira, que já havia sido sancionada em 2003 com a lei número 10.639, também será abordado o ensino da cultura indígena. E esse é um assunto que, de fato, leva um cunho social e cultural muito forte ao conhecimento do estudante.

Evidentemente não se trata de abordar essas questões em detrimento de outras, não seria cabível a retirada dos conteúdos, já clássicos, ou de grande importância para o acréscimo de outros, mas uma adaptação equilibrada de maneira que quase nada fique de fora do ensino de história. Também não se deve tratar o assunto de forma superficial, visto que a realidade brasileira hoje é, culturalmente, de grande miscigenação de povos, além do mais, de acordo com a página on-line brasil.gov com pesquisa de 2015, a população indígena chega a quase um milhão, sendo de 896,9 mil. Enquanto que a população negra e parda chega a 53% da população, como mostra uma matéria de 2015 do jornal *El País* na versão em português.

Werneck (1992) e Pinsky (1994) mostram em suas pesquisas que no período militar, os livros didáticos produzidos numa perspectiva positivista em que se idolatravam os heróis e colocava os índios como selvagens e o europeu como civilizador, abafavam a discussão necessária para a formação de um pensamento crítico voltado para a situação da época. Estudavam algo que não refletia o seu dia a dia, aprendiam uma coisa e vivenciavam outra. Ou seja, não discutiam a questão da cidadania e nem a formação do ser como a disciplina de História deveria proporcionar.

Hoje, embora, haja tido um incremento dos conteúdos que proporcionam o pensamento crítico nos livros didáticos, ainda, poderia ser considerado insuficiente para uma discussão que levaria à um grande aprimoramento do olhar crítico; e isso acontece porque

autores e editores ao simplificarem questões complexas impedem que os textos dos livros provoquem reflexões ou possíveis discordâncias por parte dos leitores. Sua tendência é de ser um objeto padronizado, com pouco espaço para textos originais, condicionando formatos e linguagens, com interferências múltiplas em seu processo de elaboração associadas à lógicas da mercantilização e das formas de consumo. (BITTENCOURT, 2003, p. 73).

Mas se antes o livro era abordado numa perspectiva positivista, segundo os autores supracitados, hoje, qual é a abordagem historiográfica utilizada pelos livros didáticos nas escolas?

3.3 O LIVRO DIDÁTICO EM QUESTÃO

Como o tema se encastela apenas na Revolução Russa, nada mais natural do que buscar por essa resposta tendo como base apenas esses capítulos – os livros didáticos costumam separar a questão da Rússia, mais ou menos em antes e depois da Segunda Guerra Mundial –, alongar-se a todo o livro desbalizaria o foco. Antes foi preciso apenas para um estudo exploratório, por isso tomado de maneira geral.

Com isso, abordamos a partir de agora, conceitos básicos de algumas dessas vertentes a fim de podermos descobrir em qual modelo historiográfico o livro aborda a questão da União Soviética.

O positivismo é uma escola, ou um método, que busca o conhecimento através das experiências vividas, ou seja, um empirismo. Dela sairiam documentos escritos que comprovariam os fatos que estão sendo estudados, não se basearia em algo não concreto, já que não fornece material o suficiente para uma constatação. O ensino de história se subsidiaria apenas em acontecimentos de extrema importância, focando nas guerras, na história política, nos nomes e nas datas, mas não possibilitaria um pensamento crítico ou uma discussão mais aberta dos temas, sendo abordado o que “já está comprovado”, portanto, não merece uma elucubração mais detida dos fatos. Além do mais, não levantaria questões argumentativas subjetivas. Autores, ainda, costumam ligar o sistema positivista de ensino voltado para um sistema capitalista de produção, devido, em primeiro lugar, aos fatores supracitados, a uma conduta disciplinadora e a época em que foi criado, da qual sofria uma revolução no meio de produção, tanto econômica quanto cultural. (SANTANA, 2012; PENNA, 2017; LE GOFF, 1990).

Já o materialismo dialético é um

método da interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. [...] É com esta preocupação que Marx deu o caráter material (os homens se organizam na sociedade para a produção e a reprodução da vida) e o caráter histórico (como eles vêm se organizando através de sua história. (PIRES, 1997, p. 86)

Com isso, quando colocada a organização social para a produção, ele aborda a história através de uma perspectiva econômica, mas não deixando de lado a questão crítica,

visto que, agora, terá que ser abordada a questão social da reprodução e da organização histórica. Por isso, já começa a pender para uma visão mais crítica, haja vista que, o significado do termo “dialético” – do nome na vertente historiográfica –, tem ligação estrita com a “boa argumentação”. (MICHAELIS, 2009, p. 298).

A Nova História, estaria baseada não somente naquela história dos acontecimentos tidos como importantes pela História Tradicional, claro que abarcaria temas como política, economia, guerras, acordos, datas, nomes e teria em seu caudal de vocabulário todas aquelas expressões comuns ao estudo e ensino da história. Contudo, mais que isso, agora, seriam tidos também como importantes, e no mesmo patamar, a história que envolve a vida do cidadão comum; os fazeres e os saberes que estão imbricados em sua sociedade, que por causa dele, aquele homem ou fato tido antes como mais importante, pôde sê-lo. (LE GOFF, 1990). Porque sem isso, sem a tradição, não existiria um Hitler com seu uniforme e símbolo tradicionais, ou um Napoleão conquistador ou uma Conferência de Yalta; os rumos da guerra deveu-se a um sem número de fatores locais e sociais, onde sem eles, as guerras, talvez, nem tivessem ocorridos.

Essa situação, também decorre do fato de que:

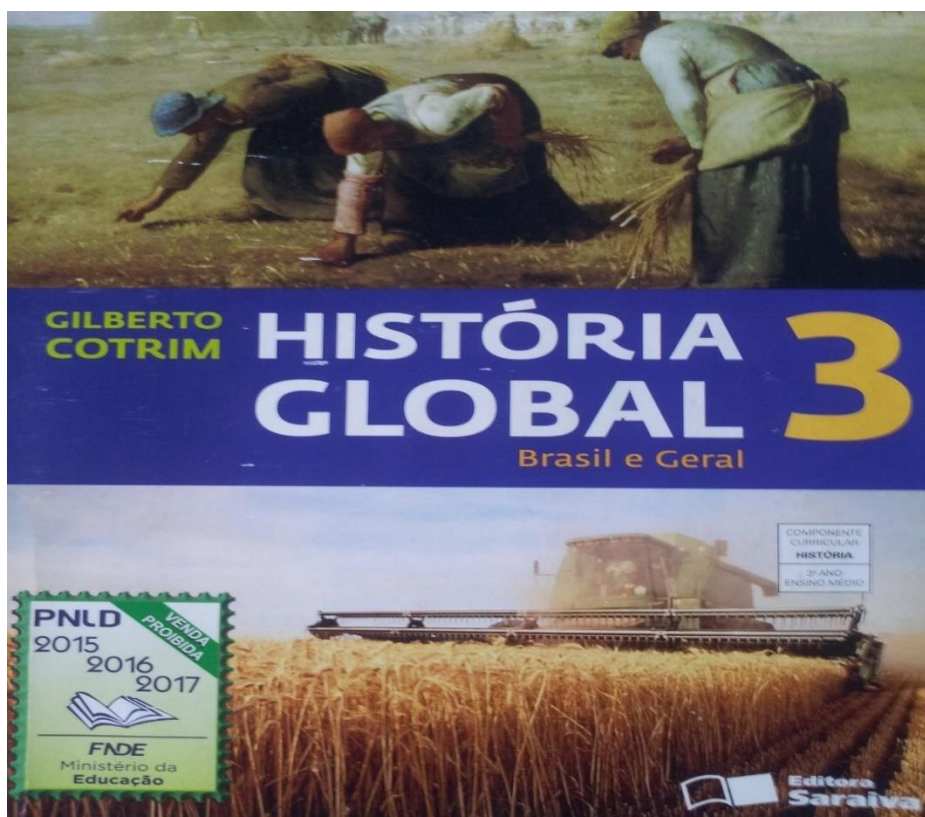
a história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Segnobia, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem. Entretanto, os métodos de crítica desses documentos novos calcaram-se mais ou menos nos métodos aperfeiçoados pela erudição dos séculos XVII, XVIII e XIX. (LE GOFF, 1990, p. 28-29).

Isso tudo significa duas coisas importantes: a primeira que houve um significativo avanço no estudo da história, tendo como base de pesquisa tudo aquilo que não deve ser omitido; em segundo que, nem tudo se descarta e que a história antes da Nova História não estava errada ou era/é irrelevante, porquanto, muitos de seus métodos ainda podem ser utilizados como visto, principalmente a questão do criticismo que não deixa com que qualquer coisa seja tida como real sem uma análise mais profunda que a embase.

O livro didático escolhido, como objeto de análise nessa pesquisa é o de “História Global: Brasil e Geral” de Gilberto Cotrim de 2013, que será usado até este ano de 2017, quando será introduzido um novo livro na rede de ensino pública estadual, do município de Tubarão, decorrente da decisão pelos professores de História. O referido livro é usado pelos

professores de História, nas seguintes unidades escolares: E.E.B. Henrique Fontes; E.E.B. Senador Francisco Benjamim Gallotti; e E.E.M. Dite Freitas.

Figura 9 – Capa do livro Didático



Fonte: Cotrim (2013)

Até esse momento, onde ainda não foram determinadas as reformas da educação, onde o aluno poderá escolher em qual área de conhecimento seguir e, assim, se aprofundar mais em determinados temas, o conteúdo do livro didático deveria ser compactado e permeado por uma linguagem objetiva para proporcionar tempo ao professor de História para trabalhar, de modo mais sistemático, os temas em sala de aula, principalmente porque a História no ensino médio, ou nas séries finais, se reduz em apenas duas aulas semanais, ou seja, uma carga horária de noventa minutos por semana. E desses noventa minutos é preciso tirar o tempo para que os alunos possam desenvolver as atividades, confeccionarem trabalhos ou cartazes propostos pelo professor, apresentarem os trabalhos e desenvolverem as avaliações.

Como abordar então a Revolução Russa e o Governo Bolchevique, ao mesmo tempo, que no ano letivo são abordados outros macro-temas como a primeira e a segunda

guerra mundial, a guerra fria, o Brasil da era Vargas, o mundo contemporâneo e o Brasil atual que vai desde os anos quarenta até a atualidade, passando pelo regime militar, outro período que não caberia em um livro de quinhentas páginas?

A resposta já foi dada: compactando ou recortando. Ou melhor, selecionando devidamente os temas, considerados relevantes para a historiografia, sem desmerecer, é lógico, os micros-fatos que permeiam a dinâmica histórica. Além disso, segundo Gomes (2001, p. 35-36), é o professor de História que “[...] repensa o pensamento do agente do acontecimento, com a finalidade de ‘construir’ um sentido. Afinal, a descrição não é do passado, mas do conhecimento que ele tem do passado produzida em processo, cujas etapas são predeterminadas e rigorosamente seguidas.” E mais, “a história [...] não é o drama vivido pela humanidade: é uma parte disso, encarada e manipulada por uma ou mais teorias.” (GOMES, 2001, p. 36).

Por isso o conteúdo abordado, em aula, devem estar ao alcance do aluno e ser informativo, desde que alicerçado em uma didática adequada à realidade desses alunos. Com isso, nesse modelo atual de ensino, seria impossível entrar em detalhes na vida dos habitantes da Rússia Imperial e bolchevique: o dia-a-dia, as roupas, os alimentos que consomem, o que fazem, o que produzem, suas relações sociais, etc.

Talvez, por isso, ainda seja difícil fugir de um formato conteudista positivista na abordagem sobre determinados temas descritos nos livros didáticos. Ao analisar o livro didático, fica evidente o enfoque na questão política do período, depois uma econômica e depois uma social. Nessa ordem deve aparecer a abordagem enfatizada. De fato, ele aborda, de maneira geral, a questão social, mas nada diferente do que se tem nas escolas historiográficas anteriores a da Nova Escola.

É verdade, também, que, no decorrer do capítulo sobre o episódio da Ascensão Bolchevique, ele instigue o aluno com questionamentos como: “Em sua opinião, o que esta imagem [da coroação luxuosa do czar] sugere sobre o papel do czar na sociedade imperial russa? Debata suas percepções com os colegas.” Ou: “Descreva suas percepções a respeito da imagem [outra imagem mostra mulheres amarradas puxando um barco contra a correnteza]. Procure destacar que significado ela tem para você no que se refere ao papel da mulher camponesa na sociedade imperial russa pré-revolucionária.”

Figura 10 – Coroação do Czar



Fonte: Cotrim (2013)

Figura 11 – Mulheres trabalhando



Fonte: Cotrim (2013)

São indagações, como essas, que estimulam, de fato, o pensamento crítico. Esse pensamento crítico, juntamente com a história da luta de classes, ou social, que aparece no capítulo, quando fala sobre as greves e passeatas, são características que surgiram, ou foram enfatizadas, na escola marxista do materialismo dialético.

Então, no livro de Gilberto Cotrim, pelo menos no conteúdo referente à Revolução Russa, encontram-se elementos que caracterizam o ensino positivista, como nomes dos principais personagens, datas, e história política predominante, como também foram

encontrados elementos que caracterizam uma história voltada para o materialismo dialético como a luta de classes, ou social, que é como o livro coloca a revolução e os questionamentos que instigam o pensamento crítico.

Nesse sentido, é muito difícil que se forme um conteúdo estritamente “puro”, sem interfaces com as várias correntes historiográficas, principalmente, na prática docente, em meio a uma organização do sistema de ensino, ainda, de âmbito positivista. Isto é possível constatar na forma como se alinham as carteiras nas salas de aula; na busca do professor e diretor pelo controle disciplinar dos estudantes no meio escolar, entre outros aspectos, que aqui não cabem enumerar, para não fugir do foco deste estudo.

Ainda é certo observar que pouco esforço, ou talvez nenhum, foi feito para confeccionar o livro nos parâmetros da Nova História; e talvez nem tivesse que ser tido pelos motivos já abordados. Pelo menos até agora, nesse modelo educacional ainda vigente, quiçá essa vertente apareça, principalmente, nos livros científicos de História. É notório dizer também, que as diferenças entre o positivismo e a nova história são muitas, mas pode-se ressaltar que o viés do primeiro são os aspectos político e empírico, enquanto a segunda, reside no âmbito cultural, das nuances que se concretizam no cotidiano.

Sobre o regime soviético, Robert Service, Emmanuel Todd e, principalmente, Richard Pipes puderam abordar alguns temas da vida cotidiana, ora, ambos tiveram uma infinidade de páginas para poder fazê-lo em seus livros. A vida do camponês, a vida urbana, o trabalho, o mercado negro, a juventude, o uso de drogas e do álcool, as roupas, o lazer, a educação, o dia-a-dia nos campos de trabalho forçado com Koenen, enfim, uma infinidade de temas e aspectos da vida soviética que só podem ser encontrados num livro voltado especificamente para o assunto, mas que, certamente, não caberiam num livro didático de História.

3.4 A RÚSSIA BOLCHEVIQUE NO LIVRO DIDÁTICO “HISTÓRIA GLOBAL: BRASIL E GERAL”, DE GILBERTO COTRIM.

Cada historiador busca por inúmeras maneiras para se abordar um tema, seja num ensaio, artigo ou mesmo livro didático. Assim, o estudo da história é, por si, um posicionamento em nome da verdade, uma explicitação da inevitabilidade do pluralismo e da imprescindibilidade do diálogo, da tolerância do respeito mútuo, da liberdade e da responsabilidade. (GOMES, 2001).

O que os historiadores provavelmente concordam é em relação a certos acontecimentos que são considerados “chaves” dependendo claro, do objetivo do estudo traçado pelo historiador. O problema é a superficialidade da análise historiográfica, a omissão dos detalhes que envolvem certo fato ou mesmo a simplificação por mera inclinação ideológica, como pode ser o caso da Revolução Russa, objeto desse estudo.

Vale ressaltar que “todos os historiadores e todas as suas obras são úteis, porque são referências, mas não são suficientes para a formulação de explicação para o problema levantado no agora e no aqui”.(GOMES, 2001, p. 11). No entanto, o autoritarismo dos autores, dos livros, dos programas, da seleção dos fatos, conduziu na fala dos fatos (“os fatos falam por si”) e vice-versa (tais fatos não podem ser omitidos). Um fato em história é uma criação do historiador. Foi a crença na “fala dos fatos” que gerou a confusão de que fazer História é meramente coletar dados. A seleção arbitrária de fatos admite um único e definitivo passado, que deve ser visto igualmente por todos os historiadores. (GOMES, 2001).

Outro detalhe importante a se lembrar é que não se está aqui para desqualificar nenhum livro didático, mas, apenas, para dizer que o livro é criatura do autor e instrumento de trabalho do professor e do aluno. Assim, é a união desses sujeitos, com base na vivência da mesma problemática, na colaboração entre eles, que se provoca a criticidade. A História deve servir de ferramenta de trabalho sobre os questionamentos do momento presente, oferecendo respostas de propostas múltiplas a quem pergunta. (GOMES, 2001). Por exemplo, o aluno pode perguntar “o que é melhor, capitalismo ou socialismo?” Não seria interessante dar uma resposta direta, seria trabalho do professor aqui, expor uma série de fatores que caracterizam os dois modelos na realidade, não na teoria, e deixar que o aluno raciocine e encontre suas próprias respostas.

Todavia, o que acontece é que o assunto carrega uma grande carga ideológico responsável por guiar, ou pelo menos dar as bases de inúmeros partidos ao redor do mundo; e é entendível o elidir de alguns fatos, mas não é ético. Afinal, acima de tudo, para o historiador, está a verdade, ou o mais próximo dela. Nesse sentido, como o capitalismo foi responsável pelo imperialismo que aniquilou ou arruinou culturas, o comunismo bolchevista foi responsável pelo genocídio soviético, e para que não se repita, bem como qualquer ditadura, é preciso que, pelo menos, se conheça em detalhes aspectos da história. Se foi ou não o comunismo idealizado por Marx e Engels o que aconteceu na Rússia, não vem ao caso, mas o que se quer aqui é a busca pela desconstrução de verdades até então absolutizadas como tal.

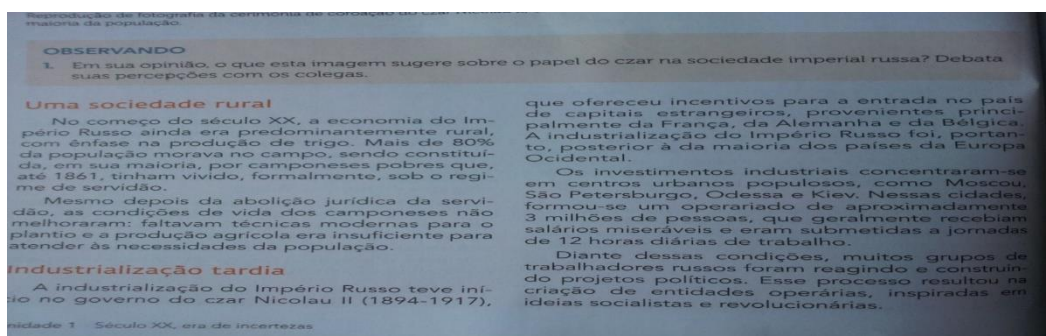
Nesse trabalho não se busca por comentários acerca da ordem cronológica em que se apresentou o tema, tampouco contrapor o acontecimento que o autor expôs e que não se ache o fato relevante, afinal, esse foi o julgamento que ele teve de melhor apresentar o assunto. Mas sim, quando se faça necessário, demonstrar um fato importante e “esquecido” que seja essencial para a dinâmica do próximo acontecimento histórico, questionar informações e quiçá, indagar o porquê de haver elidido dados que caracterizam, essencialmente, o regime bolchevista, por exemplo.

Talvez seja imprescindível que a argumentação ou a comparação não se desenvolva na mesma ordem dos acontecimentos em que o assunto é abordado no livro, também, informações idênticas não serão comentadas para não alongar a análise do capítulo. No livro *História Global: Brasil e Geral*, de Gilberto Cotrim, de 2013. A Revolução Russa aparece no capítulo 2, termina na era Stalin, a URSS é mencionada em alguns assuntos como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria e retorna no capítulo 11 com o título “Socialismo: da revolução à crise” onde encerra o tema; sem mais delongas.

3.3.1 A Rússia e suas entrelinhas no livro didático de Gilberto Cotrim

Como já foi visto, o livro não segue a linha da Nova História ao abordar o tema e também já vimos os possíveis motivos para isso; provavelmente essa foi a razão para que o autor, ao dizer que a Rússia comportava uma população de mais de 80% de camponeses (COTRIM, 2013) não desse muita atenção à eles, mesmo os camponeses sendo a grande maioria da população. Detalhes deveriam ser demonstrados, por mais que os camponeses não participaram da tomada do poder, no campo estava concentrado o grosso da cultura popular russa da época.

Figura 12 – Os camponeses no livro de Gilberto Cotrim



Fonte: Cotrim (2013)

Nesse contexto, algo que ficou vago, foi a única caracterização dos camponeses, colocada pelo autor, como pobres, pois é uma colocação vaga, uma vez que se questiona: pobres comparados com o quê? Sim, se comparados com o restante da Europa Ocidental que estava dois séculos à frente da Rússia, mas em melhores condições se comparados com seus antecessores e não muito longínquos (PIPES, 2012); essa crítica ao livro, também, serve com a colocação que o autor fez de que a condição de vida dos camponeses não melhorou mesmo depois da aquisição de alguns direitos. Na verdade, na época da revolução, os camponeses já “controlavam tanta terra quanto seus antigos senhores e mercadores” (PIPES, 2012, p. 22). Sem dúvidas ter o direito de adquirir terras e, ainda, alcançar o poder de comprá-las é uma amostra de melhoria nas condições de vida.

Ao tratar da industrialização, ele (Gilberto Cotrim) deixa a entender que os investimentos entraram na Rússia através das políticas do Czar, sem embargo, o monarca era uma pessoa sem habilidades políticas e econômicas, tendo o patriotismo e o amor à Rússia como única característica positiva nesse quesito. Dessa forma seria impossível para tal homem levar o país ao quinto lugar das economias mundiais em tão pouco tempo; o responsável pela ascensão econômica foi o ministro Witte que tomou as medidas necessárias para que isso acontecesse, lastreando a moeda em ouro, chamando capital estrangeiro e transformando o álcool em dinheiro, literalmente. (HOETZCH, 1966; PIPES 2012).

Também há uma contradição na colocação de que os baixos salários e a carga horária fez com que grupos de trabalhadores construíssem projetos políticos com base socialista e revolucionária (COTRIM, 2013). Em primeiro lugar seria impossível a reunião de operários que trabalhassem 12 horas por dia, o pouco tempo livre seria mais bem, usado ou para a família ou para o descanso, haja visto que o trabalho nas fábricas pioneiras era extremamente manual, causando cansaços extremos. Entretanto, a carga horária de 12 horas, foi diminuída para 8 horas no Governo Provisório. Além do mais, o grosso dos trabalhadores das indústrias eram ex-camponeses, os mesmos que não tinham interesse em ideias revolucionárias. Esses mesmos camponeses haviam rejeitado o chamado de grupos políticos do século XIX. A luta dos operários não era revolucionária, sua intenção era apenas a liberalização dos sindicatos. Outra questão era o analfabetismo gigante na Rússia Imperial, se não sabiam ler, não tinha como formarem os grupos de política socialista e revolucionária. A explicação para tais acontecimentos se dá na formação de uma *intelligentsia* russa, principalmente burguesa que buscava a derrubada do sistema czarista, tanto liberais quanto socialistas, eles discutiam os temas e fomentavam as greves e manifestações. (HOETZCH, 1966, PIPES, 2012, SERVICE, 2015).

Quando da caracterização da facção dos bolcheviques – na época da separação –, o autor coloca a seguinte explicação:

[...] grupo que defendia a conquista do poder pelos trabalhadores de forma imediata, mediante a luta revolucionária para derrubar a monarquia absolutista e transformar a sociedade russa. Pregava a formação de uma ditadura do proletariado, isto é, uma forma de governo em que os poderes político, social e econômico estariam centrados nas mãos da classe operária. Esta se uniria em um partido, que representaria também os camponeses [...]. (COTRIM, 2013, p. 27).

Nessa colocação o autor deveria expor, também, que essa era apenas a propaganda bolchevique, da qual não coincidiu futuramente com a realidade.²⁴

Ao tratar das paralizações de 1905, Cotrim (2013) deixa a entender que as revoltas aconteceram, principalmente, pelo vexame russo na guerra contra o Japão e logo depois argumenta que uma série de greves e protestos passaram a acontecer pelo país, mas não explica o motivo desses protestos, afinal, manifestações não surgem do nada. Resumidamente podemos colocar a questão da repressão do governo que não permitia qualquer tipo de manifestação, até mesmo de caráter “cultural” deveria ter uma autorização, podendo ocorrer mortes em confrontos com a polícia e a própria *intelligentsia* que aproveitava essa situação para fomentar as manifestações e paralizações. O próprio “Domingo Sangrento”, que é um episódio marcante da história russa é abordado superficialmente. Ele não coloca que a manifestação foi gerada pela grande quantidade de demissões em São Petersburgo, onde um religioso fomenta a passeata até o Palácio de Inverno para entregar uma petição que reivindicava melhorias laborais e questões políticas. Ele, também, não coloca que o czar já não se encontrava mais no palácio, que a manifestação foi autorizada pelas autoridades e que a guarda apenas abriu fogo, porque os manifestantes, sem querer, ultrapassaram os limites de até onde a manifestação foi autorizada. (PIPES, 2012).

Após as reformas liberais, concedidas depois das manifestações, em massa, engatilhada pelo Domingo Sangrento e a insatisfação popular e trabalhista, que praticamente gerou o fim da monarquia absolutista, o próximo tema que o autor (Gilberto Cotrim) aborda é que a Duma – ou Câmara Baixa do Parlamento – seria ocupada por “industriais e proprietários de terras” (COTRIM, 2013, p. 28). Entretanto, a Duma foi dominada por políticos da vertente socialista (PIPIES, 2012), embora intelectuais, nada indica que seriam da classe citada.

²⁴ Esse assunto será visto mais adiante no decorrer do capítulo.

Na continuidade ele diz que, com o fim da guerra contra o Japão, os soldados russos puderam voltar aos centros urbanos e reprimiram as manifestações isolando os bolcheviques e, conseqüentemente, com o ganho de poder o Czar enfraquece a Duma e passa a perseguir os seus líderes. (COTRIM, 2013). Nesse caso, em primeiro, lugar os bolcheviques não foram isolados por ações militares, pois o parlamento russo delimitava certo número máximo de membros por partido (ou facção) e, ainda, precisavam ser escolhidos por votos, se não eram votados, logo não participavam, embora houvesse bolcheviques participando da Duma. A questão da perseguição dos membros da Duma e o isolamento, quando colocado dessa maneira não é verossímil. A Duma, desde o primeiro dia de funcionamento – ocupada por diversos partidos, mas principalmente por socialistas revolucionários e radicais –, não conseguia se entender e foi fechada, uma segunda foi convocada, da qual se mostrou mais radical que a primeira, apenas a terceira Duma aceitou trabalhar com os ministros. (PIPES, 2012).

Na sequência, Cotrim (2013) cita apenas que a Rússia entra na Primeira Grande Guerra para auxiliar a Sérvia, mas não expõe outro fator chave para a participação russa, que foi o acordo de ajuda mútua entre a França e a Rússia assinado no final do século XIX. (GLOBAL.BRITANICA, 2016). Acrescenta-se ainda, o interesse geopolítico russo na região dos Bálcãs que brindar-lhes-ia uma saída para o Mediterrâneo. (HISTORIANDONANET, 2011).

Quanto ao processo revolucionário que derrubaria definitivamente o czar, Cotrim (2013, p. 30) coloca que “o conjunto das forças políticas de oposição (socialistas e liberais burgueses) tomou o poder, depondo o czar Nicolau II”. De maneira geral, não está equivocado, mas provavelmente levantaria questões como: “como foi que derrubaram o czar”? “Houve movimento armado?” “O que os políticos fizeram?”. E nem sempre os professores de História estudam esta questão a fundo, por isso, pelo menos, algum detalhe deve ser clarificado, para que a análise setorne mais completa e o fato mais clarividente aos alunos.

Sobre o assunto, primeiramente, em meio a descontentamentos, greves, inflação e discussões na Duma, esta é fechada e Nicolau rumo para o *front* de batalha, e de lá, embora a situação se mostrasse uma verdadeira desordem por todo o país, Nicolau receberia notícias abrandadas dos acontecimentos. Por outro lado, foi nesse momento, que se fundou o Soviete de Petrogrado tendo soldados e mencheviques como maioria. As ordens, no Soviete, vinha do Comitê Executivo, ou *spolkom*. Juntamente com o *spolkom*, os membros da Duma se reuniam e já haviam decidido por debelar o czar. Um acordo entre esses dois órgãos é feito e dali sai

um Governo Provisório; de maneira geral, a *O spolkom* se torna um órgão legislador e a Duma o executivo, por tanto, quem realmente tomava a iniciativa era o *spolkom*. Nicolau ficou sabendo dessa decisão dentro de um trem que o levaria para a cidade, onde recebe um documento de seu ministro para que ele assinasse abdicando a coroa. (PIPES, 2012; SERVICE, 2015).

Quanto a tomada do poder pelos bolcheviques, o autor dá a entender que o ato foi de méritos dos militantes e do apoio de partes das forças armadas. (COTRIM, 2013). Porém, o que deveria ficar claro é que o poder foi tomado somente por um movimento militar pacífico, do qual, tomava pontos estratégicos na cidade. (SERVICE, 2015). Independentemente da quantidade total de membros que possuíam os bolcheviques, pelo menos dois terços desses deveriam ser militares, em primeiro lugar porque os bolcheviques puderam aparelhar os soviets das frentes de batalha, logo, a Rússia não possuía uma massa operária de mais de três milhões espalhados pelo Império, que possuía, em média, 175 milhões de habitantes. (HOEZSTCH, 1966; PIPES, 2012).

Após a tomada do poder, Cotrim (2013) aborda as principais medidas adotadas por Lenin. Ele coloca a retirada da Rússia da Guerra e a assinatura do tratado de Brest-Litovsk, o confisco da propriedade privada entregando-as para os camponeses e a estatização da economia por empresas, fábricas e bancos. Mais uma vez, temas abordados superficialmente, mas devido aos motivos já citados, anteriormente, não havia muito o que fazer. O que deve ficar claro é que ao nacionalizar um banco, ele expulsa os donos e o torna propriedade do governo com todos os depósitos e ganhos; uma das primeiras medidas financeiras foi a tentativa de um empréstimo forçado, do qual foi negado pelos funcionários, mas cedido frente as ameaças do exército. (KOENEN, 2009).

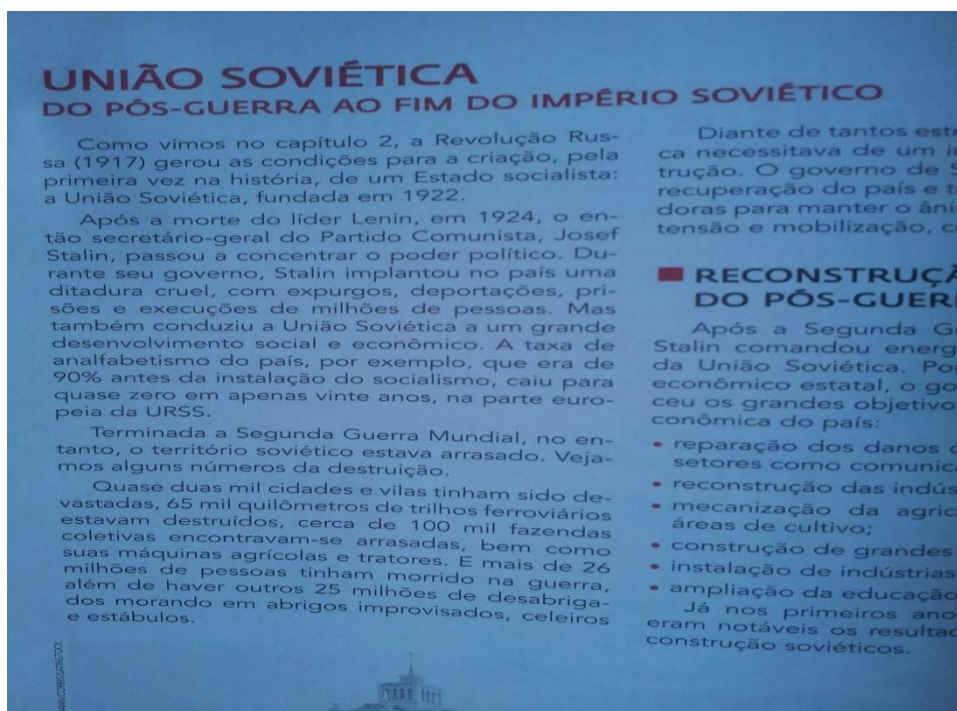
Cotrim (2013), também, coloca que “os governos dos países capitalistas ocidentais procuraram isolar a Rússia socialista do cenário internacional.” (COTRIM, 2013, p. 31). Entretanto, cabe destacar que a Revolução Russa não causou, de início, grandes impactos nos países tidos como capitalistas, pois grandes potências estavam envolvidas com a guerra e, para eles, tanto fazia que tipo de governo estivesse sendo levado a cabo na Rússia – desde que não apoiassem a Alemanha –, além do mais a NEP, organizada por Lenin, foi uma política que abriria a economia russa, embora, mesmo antes da criação desse órgão, o governo já mantivesse comércio exterior com outros países. (KOENEN, 2009; PIPES, 2012; PONS, 2014; SERVICE, 2015).

Na era de Stalin, o livro mostra, ainda, que uma das medidas dos planos quinquenais foi a coletivização da agricultura. (COTRIM, 2013). Ao parar por aí ele, (o

autor), não expõe uma das maiores tragédias da humanidade, da qual deveria ser lembrada, pelo menos em nome e honra às vítimas. Junto com a coletivização, veio, assim como na era Lenin, o recolhimento forçado de grão colhidos pelos camponeses pelo exército do governo e as duras penas para aqueles que os negavam. Além disso, foi desse episódio, que nos anos de 1932 e 1933 aconteceu o Holodomor, onde, estima-se que mais de seis milhões de pessoas perderam suas vidas nessa catástrofe forjada pelo homem. (KOENEN, 2009).

Nos parágrafos finais do capítulo 2, do livro de Cotrim, ele explicita o episódio do Grande Expurgo, quando fala das “depurações stalinistas”, das quais, “milhares de cidadãos, entre eles políticos, artistas e militares foram presos, torturados, condenados a trabalhos forçados em campos de concentração ou à morte” (COTRIM, 2013, p. 34). E completa dizendo que “o terror político da era stalinista tenha matado cerca de 500 mil pessoas [...]” (COTRIM, 2013, p. 34). Sem embargo, as fontes oficiais estimam que o número de mortos no expurgo está na casa dos milhões, visto que apenas de 1937 a 1938 mil pessoas eram fuziladas por dia. (KOENEN, 2009; PIPES, 2012). Aqui termina o capítulo, voltando o assunto no capítulo 11, onde faz um breve resumo do assunto e dá continuidade na era Stalin.

Figura 13 – Resumo da Era Stalin apresentado no livro de Cotrim



Fonte: Cotrim (2013)

No breve resumo, ilustrado na figura 19, ele diz que Stalin levou a Rússia a um grande desenvolvimento social e econômico e cita apenas a taxa de analfabetismo, que caiu para quase zero, como parâmetro para medir o índice de desenvolvimento social. (COTRIM, 2013). O desenvolvimento econômico, na era Stalin, embora menor do que se registra, realmente aconteceu. (TODD, 1976). O que não pode ser dito do desenvolvimento social. Na verdade, houve uma queda no padrão de vida dos soviéticos. (PIPES, 2012). Em primeiro lugar, de que serve saber ler e não ter a liberdade para ler o que quiser?

Desde a era Lenin, o padrão de vida dos soviéticos russos mais caiu do que subiu e quando subia, dificilmente alcançava os níveis de antes da revolução. A falta de alimentos e produtos básicos não só continuou como se agravou. Cartões de racionamentos foram feitos para limitar a quantidade de produtos e alimentos básicos comprados, quando encontrados. Muitas vezes, os cidadãos recorriam ao mercado clandestino, porque não podiam encontrar o que procuravam nos mercados do governo e os preços eram, astronomicamente, maiores do que os dos mercados do governo. O “acesso gratuito” à saúde não significava tratamento de qualidade, o medo de ser delatado e a falta de lazer fazia com que os russos consumissem demasiadas quantidades de álcool. Passaportes foram criados para impedir a movimentação livre dentro da Rússia, e as residências eram pequenas e extremamente precárias, além de abrigarem grande quantidade de gente, os serviços básicos de água e energia não funcionavam corretamente. (TODD, 1976; KOENEN, 2009; PIPES, 2012).

Cotrim, (2013) diz, também, que Kruchev buscou alcançar a paz entre o mundo capitalista e o socialista e que isso gerou descontentamento entre líderes os comunistas de outros países. De fato, a mudança de atitude, tida como mais pacífica, gerou esse descontentamento entre os líderes comunistas, como na China, por exemplo. Mas, também, acabou descontentando membros do próprio partido, do qual acabaram tirando Krushev do governo. Mas, por sua vez, não deve ser esquecido que, apesar da divulgação da propaganda pacífica, foi Krushev quem instalou mísseis em Cuba e quem criou a Universidade Russa da Amizade dos Povos, uma vez que, além de ensinar técnicas de guerrilha e táticas de sabotagem, fornecia material bélico aos chamados, na época, Países de Terceiro Mundo. (VILLA, 2014; SERVICE, 2015).

3.3.2 O que não se disse sobre a Rússia no livro de Cotrim

Como entender o modelo bolchevique sem uma caracterização de seu pioneiro? Faltou, por pouco que seja, uma prévia abordagem sobre Lenin, onde nasceu, qual sua

formação e o que o levou à vida política; seria esclarecedor para algumas de suas atitudes, como o ódio pela classe burguesa, pelo Czar e sua falta de compaixão para com os camponeses. (PIPES, 2014).

Uma explanação sobre a vida dos campesinos, que eram a maioria naquele momento, clarificaria melhor quais eram seus objetivos e qual era sua situação perante os governos czaristas e sua relação com a elite urbana russa.

As explosões de greves e manifestações foram colocadas quase que de maneira aleatória, dando a entender, na maioria das vezes, que essas manifestações ocorriam apenas por um motivo, como a guerra sino-russa, por exemplo. Entretanto, as manifestações eram, geralmente, decorrentes de descontentamentos com a questão política e a repressão, demissão de funcionários, falta de produtos e alimentos nos supermercados e, claro, as implicações das guerras. Mas, na maioria das vezes essas manifestações eram geradas pelo fomento das vertentes direitistas e esquerdistas que queriam a queda do czarismo, pode-se dizer que esse era o único objetivo em comum dos grupos políticos. E esses grupos políticos, os mais radicais, costumavam utilizar de táticas de terrorismo como o assassinato de funcionários públicos. É preciso ser dito, também, para não se formar uma imagem mítica, de que esses grupos eram formados por homens de bem que atuavam corretamente. (PIPES, 2012; SERVICE, 2015).

Em relação a abordagem sobre o governo Lenin, as medidas são analisadas, novamente, superficialmente. Apenas dizer o que ele fez sem seus resultados pouco serve, deixando o aluno sem saber o que gerou, de fato, a “doação” das terras para os campesinos, por exemplo. Não dizer que os trabalhos forçados começaram em seu governo é tirar sua grande responsabilidades pela formação dos campos de concentração e transferi-la para o julgo de Stalin. A estatização da economia, com a expropriação de bens e indústrias apenas maqueou o real significado da palavra “roubo”. Ao estatizar os bancos, ele, em primeiro lugar, mandou retirar dos cofres milhões de rublos sem autorização oficial, cancelar as dívidas que os governos anteriores contraíram para o desenvolvimento da economia de maneira unilateral, significa não pagar a dívida do governo sem o consentimento dos credores. E quando tirou a Rússia da Primeira Guerra Mundial abandonou seus aliados fazendo com que o número de vítimas aumentasse pela ida dos alemães para outras frentes de batalha. (KOENEN, 2009; PIPES, 2012; SERVICE, 2015).

No governo Stalin, novamente tratado de maneira superficial, colocar os planos quinquenais com a intenção de desenvolver a indústria pesada e a coletivização do campo, sem mencionar seus resultados não expõe a realidade do povo russo. Os planos quinquenais

de produção nunca bateram os recordes divulgados, na verdade nem chegavam a alcançar as metas. A coletivização do campo, que colocava os agricultores como empregados do Estado, servia apenas para manter os centros urbanos, os industriais e o exército; o confisco de grãos, que também aconteceu no governo Lenin, acabou por gerar milhões de mortes nos campos por causa da fome e da política de industrialização. De fato, Magnitogorski foi um grande empreendimento que produzia mais aço do que toda a Grã-Bretanha, mas o preço pago pela moral foi a vida de milhões de pessoas, tanto dos camponeses quanto dos trabalhadores que morriam de acidente, cansaço e das condições climáticas. (KOENEN 2009, PIPES, 2012; SERVICE, 2015).

Talvez seria interessante clarificar que, antes da Segunda Guerra Mundial, grande parte do poder bélico da Alemanha era produzido secretamente em território russo, devido ao tratado firmado após a Primeira Guerra, que impedia que a Alemanha desenvolvesse seu exército e que durante a guerra, a própria Rússia vendia matéria prima para a construção de equipamentos de guerra aos nazistas. A ideia de Stalin era que tanto o mundo capitalista quanto a Alemanha Nazista se desgastassem durante a guerra, onde, posteriormente a União Soviética entraria com seu poderio militar e sua condição “saudável” para sair vantajosa. (KOENEN, 2009; PIPES 2012; PONS, 2014).

Outros fatos importantes, também, foram omitidos sobre o governo Kruschov, como a instalação de mísseis em Cuba, dando início à crise dos mísseis, o desmantelamento dos campos de concentração, o maciço investimento na tecnologia aeroespacial, que colocou o *Sputnik* em órbita e a criação da Universidade Russa da Amizade dos Povos que se direcionava a disciplinar os guerrilheiros do “Terceiro Mundo” e a fornecer material bélico. Até sua expulsão da liderança da nação, que não passou de um pequeno *Coup D’etat*, foi esquecido. (KOENEN, 2009, PIPES, 2014; VILLA, 2014; SERVICE, 2015).

Por fim, não se encontrou em página alguma do livro de Cotrim, qualquer informação de como funcionava a vida da população na Rússia Soviética. Com a falta de alimentos constante, que medidas foram tomadas para alimentar a população? Se a propriedade privada foi abolida, como viviam? Se toda a iniciativa privada foi estatizada, funcionavam, ainda, lojas e supermercados? Com o advento da televisão e da Internet, os russos tiveram acesso? Essas dentre outras perguntas, ficariam sem respostas, caso o professor que estivesse dando aulas não tivesse um conhecimento mais aprofundado do tema. Afinal, se a História é uma construção, pode-se dizer, também, que a desconstrução é notória na medida em que se conhecem detalhes implícitos sobre o fato histórico analisado.

4 CONCLUSÃO

O século XX foi o século das ditaduras, Europa, América, Ásia, África e até mesmo a Oceania não escaparam desse destino. Pode-se dizer que, na maioria dos casos, a Rússia foi a progenitora desses movimentos, os órgãos responsáveis pela disseminação do modelo soviético atuaram ativamente e em vários casos obtiveram sucessos.

Todas as resoluções vinham de Moscou que se entendia como o centro de comando, até ser desafiada por outros líderes como Mao Tse Tung. Ao ocupar a posição de sede, e portanto, patrocinadora do movimento, a Rússia logo sofreu as consequências de bancar os movimentos em outros países. Ela precisava de dinheiro, mas o país não produzia o suficiente para bancar tudo isso. E isso foi o que gerou os confiscos de grãos, a utilização máxima dos recursos sem se importar com a condição física e mental do sujeito e as metas ilusórias, que deveras, nunca foram alcançadas.

Ao implantar uma ditadura de partido único a desconfiança e a repressão eram inevitáveis. A experiência mostrou que a qualquer momento um outro golpe poderia ser dado, como resultado, o Grande Terror e o Grande Expurgo foram necessários. Quando houve uma pequena abertura o governo foi facilmente derrubado. Afinal, até mesmo membros do *aparachiki* viviam com medo de serem penalizados, as penas poderiam variar de uma expulsão, confinamento nos campos de trabalhos forçados e até o fuzilamento, aliás, o fuzilamento era a maior medida democrática do governo soviético, afinal, qualquer um poderia facilmente ter acesso.

O livro didático, em nenhum momento, deixou clara a situação real do povo, dizer que houve assassinatos, e direcioná-los a apenas uma época, não mostra a realidade tensa da qual o povo era submetido, portanto, não alerta o perigo que uma ditadura unipartidária e de caráter militar pode proporcionar. O Brasil já passou por uma ditadura, embora não tenha sido a chamada “ditadura do proletariado”, que é de viés soviético, não deixa de ser imoral, anti-democrática e *ipsis litteris*, mortal para muitas pessoas; por isso, uma melhor explanação do tema seria, no mínimo, interessante para conscientizar as pessoas e não deixar que renasçam ideias opressoras que muitos lutaram para debelar.

A democracia que permite a pluralidade de partidos, a livre discussão e o direito ao voto, pode não ser um modelo perfeito, entretanto, de todos os que existem, é o que mais respeita o cidadão em sua condição humana, é o que mais lhe dá a liberdade de ir e vir e exercer a cidadania, sem inflingir ao outro.

Com base no exposto e na condição de historiador, busca-se por questionamentos que movam posições e interesses, e, nesse sentido, fecha-se o trabalho com a seguinte questão: O que aconteceu com o comunismo soviético após a queda da União?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo. Martins Fontes. 2007.

AZEVEDO, Carlos. **Dez dias que abalaram o mundo, a revolução russa ao vivo**. 2017. Disponível em: < <http://www.vermelho.org.br/noticia/293930-11>>. Acesso em: 03/04/2017.

BELÉM, Euler de França. **Sai no Brasil o notável livro de Robert Service sobre a história do comunismo**. 2015. Disponível em: < <http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/sai-no-brasil-o-notavel-livro-de-robert-service-sobre-a-historia-do-comunismo-38812/>>. Acesso em: 03/04/2017.

BEZERRA, Eudes. **Portsmouth, 1905: Vitória japonesa e nobel para roosevelt**. 2017. Disponível em: < <http://www.museudeimagens.com.br/portsmouth-russia-japao-roosevelt/>>. Acesso em: 02/04/2017.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 8. ed. São Paulo. Editora Contexto. 2003.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, De 10 de Março de 2008**. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 29/04/2017.

BRASIL. **No Brasil, população indígena é de 896, 9 mil**. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/04/populacao-indigena-no-brasil-e-de-896-9-mil>>. Acesso em: 29/04/2017.

COMMONS.WIKIMEDIA.ORG. **File: Konstantin Chernenko1.jpg**. 1982. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Konstantin_Chernenko1.jpg>. Acesso em: 25.05.2017.

COMMONS.WIKIMEDIA.ORG. **File: Magnitogorski steel production facility 1930.jpg**. [1920-1930]. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Magnitogorsk_steel_production_facility_1930s.jpg>. Acesso em: 23/04/2017.

COMMONS.WIKIMEDIA.ORG. **File: Sergei Yulyevich Witte 1905**. 1905. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sergei_Yulyevich_Witte_1905.jpeg>. Acesso em: 17/03/2017.

COMMONS.WIKIMEDIA.ORG. **File: Sevastopol&Poltava&Petropavlovsk1901-1903Port-Arthur.jpg** [1901-19-?]. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sevastopol%26Poltava%26Petropavlovsk1901-1903Port-Artur.jpg>>. Acesso em: 17/03/2017.

COMMONS.WIKIMEDIA.ORG. **File: Stalin lg zlx1.jpg**. 1935. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Stalin_lg_zlx1.jpg>. Acesso em: 25/05/2017.

COMMONS.WIKIMEDIA.ORG. **File: Yuri Andropov – Soviet life, august 1983.jpg.** 1983. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yuri_Andropov_-_Soviet_Life,_August_1983.jpg>. Acesso em: 25/05/2017.

COMMUNITY.DUR.AC.UK. **Manifesto of 17 october 1905.** 1905. Disponível em: <<https://community.dur.ac.uk/a.k.harrington/octmanif.html>>. Acesso em: 01/04/2017.

COMMUNITY.DUR.AC.UK. **The russian fundamental law of 23 april 1906.** 1906. Disponível em: <<https://community.dur.ac.uk/a.k.harrington/fundlaws.html>>. Acesso em: 02/04/2017.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral.** 2. ed. São Paulo. Saraiva. 2013.

FRANCO, Maria Laura P. B. **O livro didático de história no Brasil.** São Paulo. Global Editora. 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo. . Atlas. 2002.

GLOBAL.BRITANNICA.COM. **Dual alliance.** 2017. Disponível em: <<https://global.britannica.com/topic/Dual-Alliance>>. Acesso em: 02/04/2017.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo. et al. **Michaelis: Dicionário prático da língua portuguesa.** São Paulo. Melhoramentos. 2009.

GOMES, Valer Manoel. **Conhecimento histórico e historiografia.** Florianópolis: Papa-Livro, 2001.

GOMES JUNIOR, Wagner Ribeiro. **Lei da oferta e procura.** 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/lei-da-oferta-e-procura/36090/>>. Acesso em: 04/04/2017.

HISTOMIL.COM. **Bundesarchive photos 1933-1945.** [1933-1945]. Disponível em: <<http://histomil.com/viewtopic.php?f=338&t=3918&start=6760>>. Acesso em: 09/04/2017.

HISTORIA.UFF.BR. **A lei fundamental russa de 23 de abril de 1906.** 1906. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Fonte_16_0.pdf>. Acesso em: 04/04/2017.

HISTORIANDONANET07.WORDPRESS. **A Primeira Guerra Mundial.** 2011. Disponível em: <<https://historiandonanet07.wordpress.com/2011/07/22/a-primeira-guerra-mundial/>>. Acesso em: 09/04/2017.

HOETZSCH, Otto. **A evolução da Rússia.** Lisboa. Editorial Verbo. 1966.

KENNEDY, Jhon Fitzgerald (Library). **File: Nikita Khrushjsjov.jpg** 1961. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nikita_Khrushjsjov.jpg>. Acesso em: 25/05/2017.

KIKOT, Dmitri. **Da antiguidade à tradição cristã, os ritos do natal russo.** 2016. Disponível em: <http://gazetarussa.com.br/arte/2016/01/07/celebrado-em-7-de-janeiro-natal-russo-remonta-a-antiguidade_318877>. Acesso em: 03/05/2017.

KOENEN, Gerd. **Utopia do expurgo**: O que foi o comunismo. Tradução de Ulrich Dressel. Ijuí. Unijuí. 2009.

KOLLONTAI, Alexandra. **Lenin at smolny**. 1917. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/kollonta/1917/lenin-smolny.htm>>. Acesso em: 03/04/2017.

LARÊDO, Filipe. **Pais e Filhos (Otsy I Deti)**: Livros pra macho #9. 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/pais-e-filhos-otsy-i-deti-livros-pra-macho-9>>. Acesso em: 02/03/2017.

LE GOFF, Jacques. et al. **A história nova**. Tradução de Eduardo brandão. São Paulo. Martins Fontes. 1990.

MARXIST.ORG. **WWI – Russia**. 2017. Disponível em: <<https://www.marxists.org/glossary/events/w/ww1/russia.htm>>. Acesso em: 04/04/2017.

MOTTA, Alexandre de M. **Metodologia da pesquisa jurídica**: O que é importante saber para elaborar uma monografia jurídica e o artigo científico. Tubarão. Copiart. 2012.

MSU.RU. **General information**. 2017. Disponível em: <<http://www.msu.ru/en/info/index.html>>. Acesso em: 01/04/2017.

PANNEKOEK, Antton. **As tarefas dos conselhos operários**. 2017. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000046.pdf>>. Acesso em: 04/04/2017.

PINSKY, Jaime. et al. **O Ensino de história e a criação do fato**. 6. ed. São Paulo. Contexto. 1994.

PENNA, Lincoln de Abreu. **Positivismo**. 2017. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/POSITIVISMO.pdf>>. Acesso em: 02/05/2017.

PIPES, Richard. **História concisa da revolução russa**. Tradução de T. Reis. Rio de Janeiro. Record. 2012.

_____. **O comunismo**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército. 2014.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a educação, 1997**. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>>. Acesso em: 02/05/2017.

PLIER, Wilhelm. **File: LeninEnSuizaMarzo1916—barbaroussovietroomcbr.png**. 1916. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LeninEnSuizaMarzo1916--barbaroussovietr00mcbr.png>>. Acesso em: 25/05/2017.

POLITOLOGIJA.RU. **Partido russo social democrata trabalhista (POSDR)**. 2017. Disponível em: <<http://all-politologija.ru/knigi/100-let-rossijskoj-mnogopartijnosti->

zotova/rossijskaya-social-demokraticheskaya-rabochaya-partiya-rsdrp>. Acesso em: 01/04/2017.

PONS, Silvio. **A revolução global: História do comunismo internacional 1917 – 1991**. Tradução de Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro. Contraponto. 2014.

PRAVDA.RU. **A intelligentsia e sua missão revolucionária**. 2008. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/russa/06-10-2008/24731-intelligentsia-0/>>. Acesso em: 01/04/2017.

REAGAN, Ronald (Library). **File: Mikhail Gorbachev 1987.jpg**. 1987. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mikhail_Gorbachev_1987.jpg>. Acesso em: 25/05/2017.

RECORD.COM.BR. **Richard Pipes**. 2017. Disponível em: <http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=2450>. Acesso em: 03/04/2017.

ROBERTGRAHAM.WORDPRESS.COM. **Russian revolution 1917**. [18??-191?]. Disponível em: <<https://robertgraham.wordpress.com/russian-revolution-1917/>>. Acesso: 03/03/2017.

ROSSI, Mariana. **Mais brasileiros se declaram negros e pardos e reduzem número de brancos**. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html>. Acesso e: 29/04/2017.

SANTANA, Thamirys Lima. **A concepção positivista da história e seus mecanismos didáticos de alienação e manipulação das aulas em favor em favor do sistema capitalista de produção**, 2012. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/e92d74ccacdc984afa0c517ad0d557a6.pdf>>. Acesso em: 02/05/2017.

SERVICE, Robert. **Camaradas: Uma história do comunismo mundial**. Tradução de Milton Chaves de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro. DIFEL. 2015.

TODD, Emmanuel. **A queda final: A decomposição do sistema soviético**. Tradução de João Amaral. Rio de Janeiro. Record. 1976.

ULYANOV, Vladimir Ilychi. **“Left wing” communism: A infantile disorder no compromise?**. 2017. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1920/lwc/ch08.htm>>. Acesso em: 02/04/2017.

_____, Vladimir Ilychi. **Teses de abril**. 1917. Disponível: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000028.pdf>>. Acesso em: 17/04/2017.

USP-RSM.BLOGSPOT.COM.BR. **The russian social democratic workers party**. 1912. Disponível em: <<http://usp-rsm.blogspot.com.br/2013/11/the-russian-social-democratic-workers.html>>. Acesso em: 17/03/2017.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi; SILVINO, Eliziane França Moreira. **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas Públicas de Guajará-Mirim**. 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/328/361>>. Acesso em: 29/04/2017.

VILLA, Marco Antonio. **Didatura à brasileira 1964 – 1985: A democracia golpeada à esquerda e à direita**. São Paulo. Leya. 2014.

VODKASOCIALCLUB.COM.BR. **Os 10 países que mais consomem álcool no mundo**.

2014. Disponível em: <<https://vodkasocialclub.com.br/2014/05/20/10-paises-alcool-mundo/>>. Acesso em: 01/04/2017.

WELLS, H. G. **História universal**. Vol. 9. Tradução de Anísio Teixeira. 8. Ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1970.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 2. ed. Petrópolis. Vozes. 1993.

YE, Aniskin. **File: 1977 CPA 4774. (Cutted).jpg** 1977. Disponível em:

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1977_CPA_4774\(Cutted\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1977_CPA_4774(Cutted).jpg)>. Acesso em: 25/05/2017.

ZEMTSOV, Ilya. **A vida privada da elite soviética**. Tradução de Roberto de Faria. Rio de Janeiro. Record. 1985.